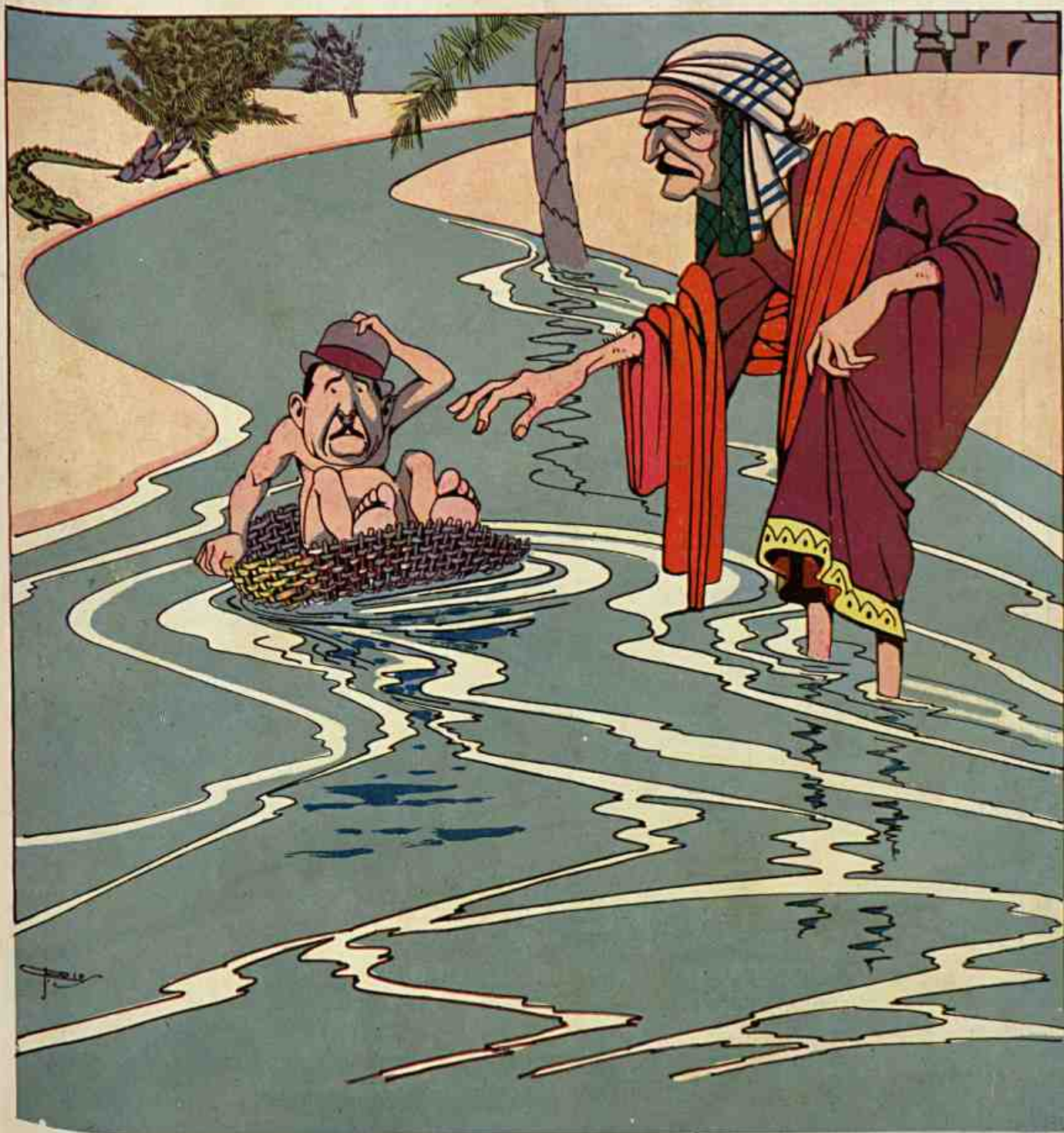
Num. 344 Sabbado 23 de Janeiro de 1915 Anno VIII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

PELO NILO ABAIXO — O ESTADO TEMPESTUOSO DO RIO

Apezar de tudo, não foi possivel salvar o Moysés da Praia Grande

FIDALGA

— A —

Cerveja da Moda

OS EUNUCOS NA CHINA

Sua influencia politica

Os eunucos exerciam maior influencia do que se imagina na politica chineza, durante a monarchia.

Todos os funccionarios do Palacio Imperial eram eunucos, segundo affirmação do Dr. Matignon, addido á Legação de França em Pekim, no ultimo periodo monarchico. O Dr. Matignon dá a respeito dos eunucos informações curiosissimas :

«Quando ao escurecer se fecham as portas da Cidade Amarella, das seis ou sete mil pessoas que ficam dentro dos seus muros, ha apenas um varão legitimo, — o Filho do Sol.

Em principio, os eunucos do Palacio deviam ser subministrados pelos principes. De cinco em cinco annos cada principe era obrigado a apresentar oito, recebendo em pagamento uns duzentos mil réis por cada eunuco.

Estes eram eunucos garantidos, o que quer dizer que tinham estado alguns annos ao serviço dos que o apresentavam, porém como tal maneira de os recrutar era insufficiente, havia no Palacio um registro aberto para que acudissem a inscrever-se os candidatos, e muitos paes vendiam seus filhos para que os convertessem em eunucos.

Entre estes havia desoito que eram sacerdotes da *Deusa da Misericordia* e tinham a direcção espiritual das damas do Palacio ; trezentos eram os altares e trabalhavam em presença das ditas damas, e davam representações officiaes e particulares para o Imperador.

Os eunucos eram os intermediarios entre este e as suas concubinas que eram em numero de 72. Quando o Imperador desejava ser visitado por uma d'estas, escrevia o nome d'ella n'uma ficha e dava-a ao eunuco, que a ia entregar á mulher escolhida, e immediatamente á concubina era levada em palanquim á camara do Filho do Sol e o seu nome inscripto n'um registro especial com o fim de pôr a coberto os direitos dos filhos que acaso viessem a nascer.»

Diogenes dizia de um rapaz que dançava com muita elegancia e era muito louvado por isso : «Quanto melhor, peor.»

Se Diogenes vivesse nesta actualidade de *tangos* e *one-steps* !

QUEM UMA VEZ PROVAR

Vinol

Não tolera mais os antigos preparados ou emulsões de oleo de figado de bacalhau.

VINOL contem os principios activos e medicinaes dos figados frescos de bacalhau dos quaes se eliminou scientificamente o **Oleo repugnante e prejudicial ao estomago.**

Todos os que soffrem de tosses chronicas, Bronchites, e, em summa, de qualquer molestia de garganta ou de pulmões, devem logo tomar o **"VINOL"** pois os seus effeitos beneficos não podem ser ultrapassados.

"VINOL" é delicioso ao paladar e é facilmente tolerado pelo estomago o mais delicado, tanto no inverno como no verão.

A' venda em todas as Pharmacias e Drogarias.

Unicos agentes para o Brasil:

PAUL J. CHRISTOH Co.

Rio de Janeiro e São Paulo

A SALVAÇÃO DAS CRIANÇAS

E' um alimento completo, isso é: Contem em si, o necessario para o sustento idefinido de uma creatura humana, sem o auxilio de qualquer outro alimento, pois tudo possue para a formação de tecidos, musculos e ossos fortes e sãos, e para o desenvolvimento da energia vital.

HORLICK'S é um pó inteiramente soluvel em agua quente ou fria. sua preparação é instantanea. Não precisa ser cosido nem é necessario que lhe addicione leite, ao contrario do que acontece com as chamadas farinhas lacteas que afinal nada mais são do que meios de modificar, mais ou menos imperfeitamente, o leite de vacca.

Os medicos são unanimes em reconhecer as grandes vantagens dos alimentos maltados, como base da nutrição das crianças pois o assucar da maltose, que em taes alimentos se encontra, é facilmente digerido e assimilado, o que não acontece com os demais assucares empregados vulgarmente no fabrico de alimentos infantis.

ASSIM POIS, á falta de leite materno, todas as crianças devem ser alimentadas com o LEITE MALTADO DE HORLICK'S, feito de leite puro de vaccas sadias e fortes, e dos extractos soluveis de cereaes maltados.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS, DROGARIAS E CASAS DE COMESTIVEIS

Unicos agentes para o Brazil: **PAUL J. CHRISTOPH COMPANY.**

Rio de Janeiro e São Paulo

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO. . . . . . . 15$000 | SEMESTRE. . . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL. . . . . 300 Rs. — ESTADOS. . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 344 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 23 — JANEIRO — 1915 — ANNO VIII

POLITICA

O caso politico da actualidade ainda é o velho caso do Estado do Rio.

O tenente Feliciano Sodré, apezar da admiravel firmeza com que exerce o governo installado nas promessas heroicas do general Pinheiro Machado, provou a confiança que tem na força e na justiça de sua causa, mostrando-se immediatamente prompto a concluir um accordo que lhe assegurasse uma collocação mediante a qual podesse viver fora da fileira sem perder as vantagens e as prerogativas peculiares á farda.

O Dr. Nilo Peçanha, com a sagacidade vidente de um homem de estado, não quiz cavar na deshonra a sua tumba politica e, negando-se a acceitar um accordo proposto na ameaçadora iminencia de uma insolita intervenção armada, acceitou o glorioso papel de ser, neste momento, o representante da lei na nova lucta em que se empenha o caudilhismo contra o direito.

O tenente Sodré acceitava qualquer cousa, para não perder tudo.

A derrota total reintegraria os seus galões na honrosa actividade militar, da qual a sua opaca mentalidade politica só ressurgiria si tombasse nos destinos do Brasil a esmagadora desgraça de um Hermes novo.

Sentando-se na cadeira presidencial do Estado, o tenente do Sr. Botelho não seria mais venturoso, embora não fosse tão infeliz quanto a bella terra fluminense, que a sua pretenciosa incompetencia arrasaria para sempre.

Egoisticamente, conviria ao Sr. Nilo Peçanha ser derrotado, como representante do direito, pelas forças do caudilhismo. No seu retiro de presidente desthronado, veria o seu prestigio crescer a medida que o seu agitado competidor acabasse a obra de destruição e desperdicio que iniciou como Prefeito de Nictheroy.

O Sr. Nilo Peçanha não acceitou o accordo proposto e o general Pinheiro Machado, reconhecendo a indecisão de animo do seu nobre pupillo hospedado no paço imperial da Guanabara, moveu os gallos mechanicos do Senado e cocoricou um parecer favoravel ás irregulares ambições presidenciaes do Sotero de Menezes de Macahé.

O presidente Wencesláo, deante da attitude imperatoria do bravo general do rinhadeiro, apparece tonto e a correr, de um para outro lado da scena politica, sem saber o que faça, desejando agradar o senador de tranças soltas mas pedindo ao Congresso que não pratique o delicto para que foi convocado.

O eminente filho de Itajubá, se os factos não se modificam e se o tenente Sodré não vence sem derrotar o Dr. Nilo Peçanha, perde o cabedal de juizo que lhe resta. Esta desgraça será uma felicidade porque, se em vez de ficar inteiramente maluco, o Presidente Braz permitte que a sua consciencia desperte, — morre, como o Presidente Penna, de traumatismo moral.

POLITICA

O coronel Clodoaldo da Fonseca (o de cavagnac) e sua familia chegando de Alagôas, Estado de que é elle governador

O PÃO NOSSO

«Nem só de pão vive o homem» diz o Evangelho, e todas as seitas christans e até os agnosticos admittem essa sentença como verdade irrefutavel. Apenas no em que discordam é na sua interpretação. Segundo a exegese allemã, esta maxima do Evangelho quer dizer que o homem não vive só de pão, mas tambem de carne, peixe, ovos etc. Sendo o pão universal, o que ninguem póde seriamente contestar, não é entretanto exclusivo da alimentação humana. Os chinezes comem ninhos de andorinhas e (póde-se prever) as proprias andorinhas. Os indianos comem cabras. Os inglezes se comprazem no beef. Os russos amam o caviar. Os amazonenses comem farinha d'agua. Os mineiros angú. Os bahianos pimenta e as salamandras vencem os bahianos, alimentando-se de fogo.

Come-se tudo quanto ha, mas o pão está indissoluvelmente ligado á idéa da alimentação humana. Ha mesmo exemplares da nossa raça que durante tempos não ingerem outro alimento, alem de uma códea de pão.

Segundo Salomão, que foi o mais sabio dos homens, um pedaço de pão em paz é preferivel á opulencia agitada. Eloy Ottoni traduziu esse proverbio em verso :

> Uma códea de pão secco
> Comida com alegria,
> Vale mais que a casa cheia
> Onde a discordia vigia.

Estabelecida assim a utilidade do pão e a sua imprescindibilidade, é natural que a sua diminuição, com o pretexto da guerra, tivesse provocado a apprehensão e o descontentamento publico.

Com o augmento de cinco por cento no preço da farinha, os padeiros diminuiram dez por cento no peso do pão, depois quinze, depois vinte e assim vão indo. O pão vai minguando a olhos vistos, como se fosse acommettido de tuberculose. Os pães de tres por um tostão que em julho mediam quinze centimetros, agora não passam de duas pollegadas.

Para o mez será preciso um microscopio para enxergal-os, e em março com certeza desapparecerão.

O poste onde eu espero habitualmente o bonde, está plantado em frente a uma casa de porta e duas janellas cujos habitantes consomem um pão de duzentos réis. O padeiro chega ordinariamente ás 7 horas e encontra ainda tudo fechado. Elle bate á porta, e da primeira vez nunca attendem. Bate segunda vez, e lhe responde o silencio. Bate terceira e quarta, e ao fim de muito tempo ouve-se no corredor um arrastar de passos, a porta se entreabre, e uma mão descarnada, sahindo pela fresta, recebe o pão de cada dia.

Muitas vezes, assistindo a essa scena, eu tenho pensado commigo que, se fosse entregador de pão, ou mesmo padeiro, já teria renunciado a essa freguezia. Mas a paciencia do entregador de pão parece inexgotavel. Digo parece, e com effeito me parecia: até ante-hontem. Mas hontem mudei de opinião.

Eram sete horas e um quarto. O padeiro já vinha atrazado e tinha pressa de distribuir o pão pela freguezia. Chegou, descansou a cesta na rua e bateu. De dentro não responderam. Bateu novamente. Silencio. Não querendo maguar a articulação dos dedos com um batido mais violento, tirou do bolso uma chave e começou: Tom! tom! tom! tom! Nada. O tempo corria. O homem imaginava que os outros freguezes já estariam a essa hora impacientes, com o café na mesa, a esfriar e tomou uma resolução heroica. Estavam calçando a rua. Apanhou um parallelipipedo e começou a malhar: Bum, bum, bum, bum, bum!

Desta vez era de mais. Uma voz irritada gritou de lá de dentro;

— Que é isso ahi?

— Sou eu.

— Quem?

— O padeiro.

— Que é que quer?

— Deixar o pão.

— Mas que necessidade tinha de pôr a porta no chão? Não precisava tanto barulho!

— O freguez desculpe; mas estava tudo fechado. Eu não tinha onde deixar o pão.

— Pois enfiasse-o pelo buraco da fechadura!

X.

FRIBURGO

O cardeal Arco-Verde e os bispos que se reuniram em Concilio no Collegio Anchieta

A GUERRA

Principe de Galles, primogenito e herdeiro do Rei da Inglaterra, serve no exercito em operações na Belgica.

Principe Alberto, segundo filho do Rei da Inglaterra, serve, como guarda-marinha, na esquadra em operações no Mar do Norte.

Figuras e cousas de outras terras

O General Von Blume é um erudito guerreiro allemão com o qual travamos conhecimento atravez de um seu artigo traduzido pelo nosso compatricio, o 1º tenente Bertholdo Klinger. O cabo de guerra germanico, de accordo com o nosso olvidado Boyen, sustenta que só pode acreditar na victoria dos alliados quem não tem a minima noção da situação militar. As allegações em que o general traduzido pelo tenente firma as suas bases para assegurar a victoria allemã, são as seguintes: — 1º a não ser n'alguns pontos dos Vosges, não ha inimigo em territorio allemão; — 2º os pontos da Prussia Oriental occupados pelos russos estão hoje livres de inimigos, e hão de estal-o tanto quanto se póde humanamente prever; — 3º as pequenas colonias allemães foram occupadas pelos alliados mas a Africa Oriental Allemã e a Occidental, ainda não o foram; — 4º a Austria Hungria abandonou uma parte da Gallicia aos russos mas conserva todo o resto do seu territorio e occupa a maior parte da Servia, cujo poder está completamente anniquillado; (hoje os russos estão na Hungria e o anniquillado poder da Servia derrotou os exercitos austro-hungaros e invadio a Austria); — 5º a Oeste os allemães estão senhores da Belgica, excepção de poucos kilometros (esses kilometros de excepção augmentaram muito nos ultimos dias) bem como de uma zona fronteiriça franceza, approximadamente do tamanho da Belgica (mas muito menor do que a que elles, já evacuaram); — 6º as baixas soffridas pelas tropas allemães podem ser suppridas por mais tempo do que as dos alliados; — 7º a Allemanha ainda dispõe de milhões de homens robustos e de todos os recursos necessarios para fazer d'elles tropas promptas para a guerra; — 8º na França, ao contrario, está exgotada a reserva do exercito (o general ignora que nem todos os reservistas francezes foram chamados ás armas); — 9º as tropas inglezas constituidas de pessoal de sete annos de serviço activo eram pouco numerosas e devem ter exgottado as suas reservas instruidas; — 10º com o systema de recrutamento, a Inglaterra ainda não conseguio reunir o primeiro milhão de soldados; — 11º faltam á Inglaterra as condicções essenciaes para transformar, em pouco tempo, um milhão de individuos em bons soldados (talvez não pensem assim os allemães que combateram no Yser).

Entre senhoras maldizentes

— Mas, por que será que a Joanna, sendo até pouco tempo tão posta de parte, conseguiu ser agora indispensavel em todas as reuniões? Para toda a parte a convidam...

— E' que não ha ninguem como ella para animar uma conversação.

— Como! se nunca lhe ouvi uma phrase de espirito!?

— Mas canta, e para uma conversa se generalisar, não pode haver melhor provocação que a sua voz.

Consciencia rara

Falava-se diante de uma senhora, de um rapaz de quem toda a gente dizia bem:

— Não me falem d'esse homem pelo amor de Deus! observou a senhora.

— Por que? tem alguma razão de queixa contra elle?

— Não...

— Então, por que não quer ouvir falar d'elle?

— Porque eu disse uma vez uma tolice tão grande na sua presença que nunca lhe perdoarei tel-a ouvido.

Este anno, segundo annunciam noticias oriundas de Portugal, devem apparecer, carinhosamente editadas n'aquelle paiz, as obras completas do conselheiro Ruy Barbosa.

Essas obras, encerrando fabulosos thesouros de sabedoria e contendo os frutos da existencia inteira de um homem de genio, constituem o mais notavel e o mais bello monumento erguido, em nossos tempos, pela penna de um unico escriptor, á pureza da lingua de Camões.

A profundeza do sabio, a communicativa eloquencia do tribuno, os recursos inexgotaveis do polemista, as sentenças do pensador, os ideaes do politico, os actos do homem de estado, — toda a offuscante grandeza dessa mentalidade incomparavel, vae brilhar, ao alcance de todos os olhos, num conjuncto harmonioso e uno.

Do noticiario de um jornal americano

«Fomos os primeiros a noticiar, no nosso numero de 27 do mez proximo findo, os diversos episodios sangrentos da grande batalha que se generalisou em toda a linha do Yser, entre as tropas anglo-franco-belgas e as allemãs. Somos tambem agora os primeiros a informar aos nossos leitores de que a nossa primitiva noticia era inteiramente destituida de fundamento.»

Na sua ancia de *ser o primeiro*, como parece este jornal americano com um senador nosso!

Sólo adubado

— Olhem só!... Isto é que é terra fertil! O raio do lampeão já estava criando raizes...

A rainha barbada

O theatro é, de todas as artes, a que mais tem evoluido. Se no fundo a differença não tem sido tão consideravel, na technica é enorme. As representações theatraes dos gregos, por exemplo, se faziam ao ar livre. No theatro romano todas as personagens usavam uma mascara, que se chamava *persona*. Dahi é que se originou a palavra personagem. A expressão da fisionomia não podia portanto variar. Em um lance comico ou tragico, o actor tinha a mesma cara.

Durante muitos seculos todos os actores do drama, representassem papeis masculinos ou femininos, eram homens. Assim ainda era ha poucos annos no Japão. Assim ainda é hoje na China e nos theatros dos collegios de padres.

A esse proposito conta-se o seguinte episodio.

O rei de Inglaterra Carlos II era muito amante do theatro.

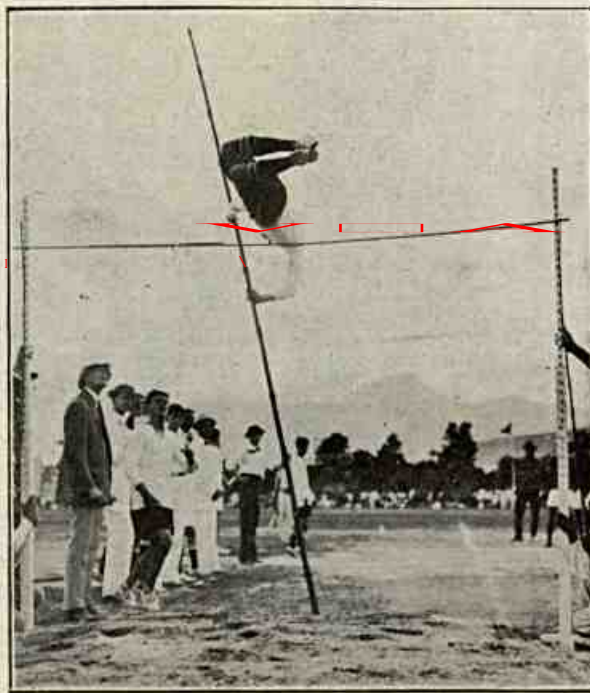
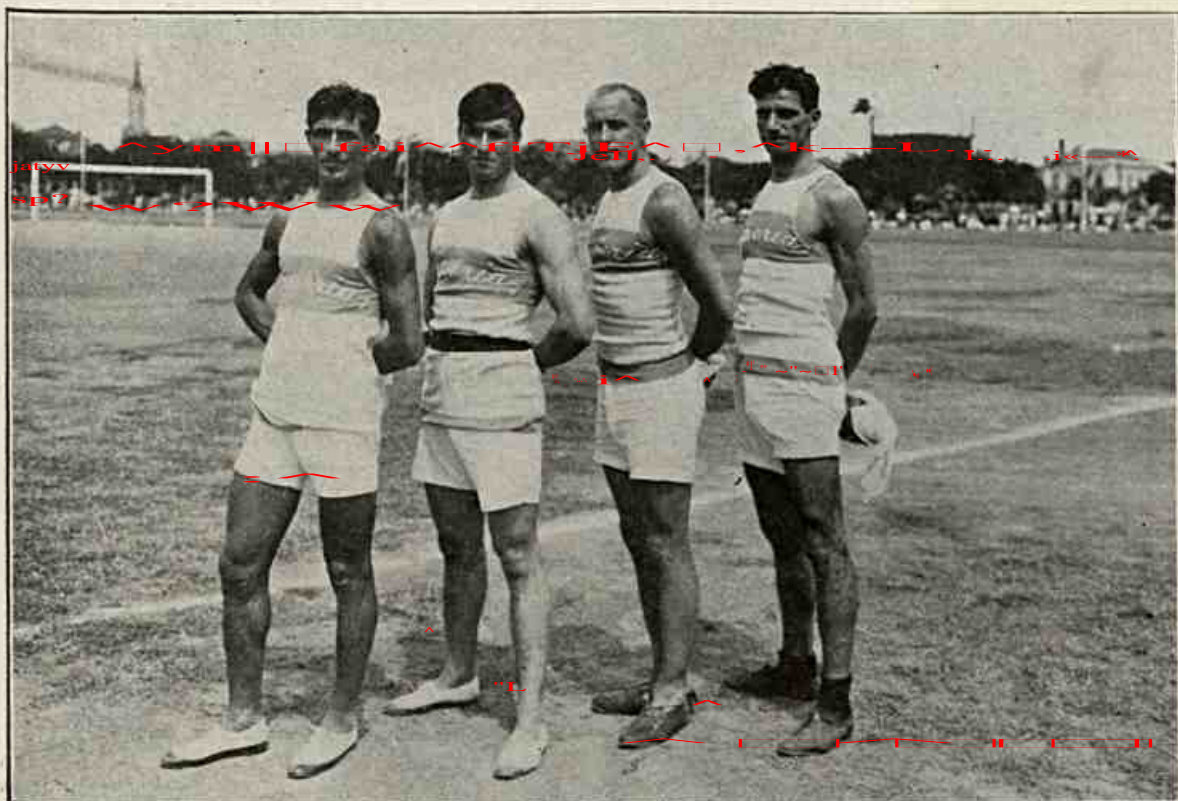
Uma vez elle compareceu a um espectaculo e, á hora determinada, não começou a representação. Os reis não gostam de esperar. E' sabido. Os minutos se foram passando e nada do espectaculo começar.

O rei, impaciente, mandou saber qual era o motivo da demora. O gerente immediatamente compareceu ao camarote real e deu a seguinte explicação :

— Peço mil perdões a Vossa Magestade. Mas o motivo da demora é o seguinte. O barbeiro do theatro chegou atrazado, e a rainha ainda não acabou de fazer a barba.

X.

Campo de S. Christovão

Festa promovida pela Liga Metropolitana dos Sports Athleticos em beneficio da Cruz Vermelha

Campo de S. Christovão

Membros do Club Esperia, de S. Paulo, que vieram ao concurso de saltos

Assistencia á festa em beneficio da Cruz Vermelha

SUMMUM JUS

Non far tregua coi vili

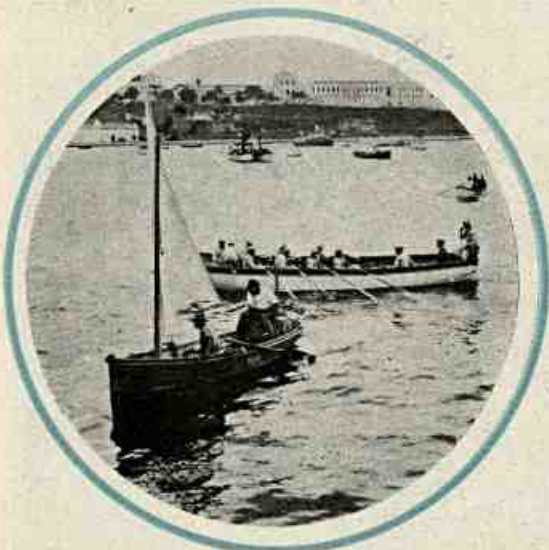
MANZONI

Não ha desprezo para ti bastante!
Ninguem te dera a pena que imagino!
Nem a torre onde a fome inda Ugolino
Se ouve rugir tremendamente em Dante!

Maior! Maior castigo eu te destino
Do que te ouvir a carne crepitante
Chiar ao fogo, e o teu uivar ferino,
Terra e céu arranhando instante a instante!

Maior que as serpes sobre Laocoonte,
Nas escamas de bronze o retalhando,
Tendo os olhos entre ellas fronte a fronte!

Maior! outro qualquer castigo é brando!
Eu, como um deus, não te acorrento a um monte:
Eu te amarro a ti mesmo, ó miserando!

Luiz Delfino

A VIDA ELEGANTE

Nestes abrasados dias de Janeiro, quem quizer descrever, nos seus aspectos brilhantes, a vida da elegancia carioca, deverá subir ás cidades serranas e descer ás cidades aquaticas, amanhecer em Petropolis e anoitecer em Caxambú.

Como as andorinhas no inverno, as cariocas, no verão, emigram para as frescas terras distantes, tão distantes que a ellas só se chega depois de quatro mil réis de viagem.

Os inglezes, no famoso dizer de um chronista famoso, levam a civilisação da sua terra na sóla dos seus sapatos. Por isso, onde está um inglez erecto sobre os seus sapatos, fumando o seu cachimbo sob o seu capacete, ahi está a Inglaterra com a sua civilisação.

As cariocas transportam a elegancia desta cidade no encanto da sua pessoa. Onde está uma carioca com o seu claro sorriso e o seu languido olhar, ahi está o Rio de Janeiro com a sua elegancia.

Actualmente, o Rio de Janeiro com a sua elegancia está nas praias do Leme e Flamengo, nos recantos de Mendes e Caxambú e está, sobretudo, em Petropolis.

Palavras a um Poeta

A JACKSON DE FIGUEIREDO

E's o moderno Cavalleiro Andante
Que fez da Arte-broquel, da Fé-loriga,
E ardente e inquieto, em seu valor confiante,
Entre as dores alheias se afadiga.

Onde quer que a Injustiça se levante,
Beijar o pó teu nobre orgulho a obriga;
Em prol de um Alto ideal luz teu montante,
Abencerrage da bravura antiga!

Ao sorrir desbaratas o rebanho,
A carneirada da Imbecilidade
Muda, corrida, ante vigor tamanho!

Fanatico idealista da Amizade,
Fazes revoar ao Sol da Idéa o estranho,
Rubro pendão de tua mocidade!

Arnaldo Damasceno Vieira

Rio de Janeiro

A' porta da Colombo

— Como vaes, Manoel ?

— Assim, assim...

— Não ; essa cara é de quem está satisfeito da vida.

— E realmente estou.

— Então devo concluir que estás vivendo em bôa paz com tua sogra.

— E' verdade.

— E como se deu o milagre ? pode-se saber ?

— Pois não : minha sogra está ha dois mezes atacada de paralysia em ambas as faces ; mal pode falar, de modo que, como o esforço lhe faz mal, não discute commigo ; ahi tens porque me sinto perfeitamente feliz.

— Mas, a que attribuir a tal paralysia ?

— Estou convencido que proveio do esforço extraordinario que ella fez em casa do photographo para arranjar uma physionomia agradavel.

Os nossos filhos

O Juquinha passeiando com o pae encontrou um pequeno vagabundo que lhe pediu uma esmola, lamuriando que era muito desgraçado, o mais desgraçado pequeno do mundo.

— O que ? indagou logo o Juquinha. Então você está estudando arithmetica ?

O NILO MATREIRO

— Sim, minhas senhoras. O Nilo é que foi cabocIo bom. Emquanto o Sodré toma posse na propria casa, *o caboclo se encaixa em Ingá.*

Deixo tudo quanto tenho

REMINISCENCIA DE UM EPIGRAMMA

Estava um rico usurario,
No seu leito de miseria,
Cumprindo o triste fadario
De deixar a vil materia,

Quando os *amigos* que o cercam,
Vendo-o a morrer sem testar,
Para que... nem tudo percam,
O tabellião vão buscar.

Mal que chega este (escoltado),
Vae dispondo a papelada
E pergunta ao desgraçado
Para quem deixa a *bolada*.

— Deixo tudo quanto tenho...
(Por todos correndo o olhar)
Diz o ginja, em tom rouquenho,
E não podia acabar.

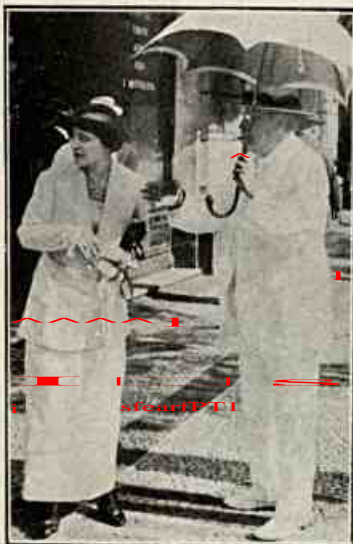
Aos *melros*, por bem ou mal
Um calafrio percorre
A curva espinha dorsal.
— Ah ! se elle *em branco* nos morre !

Um, após outro, deplora,
Supponde-se legatario...
Diga, diga, sem demora,
A quem ? insiste o notario.

— Deixo tudo quanto tenho...
Volve o misero, a arquejar :
— Deixo tudo quanto tenho...
Porque não posso levar.

NEMO

A' viuva do Dr. Bernardino de Campos, o general Pinheiro Machado telegraphou declarando-se sorprehendido pelo inesperado fallecimento do «seu preclaro chefe e *integerrimo* servidor da Republica, a quem devotamos entranhado affecto e profunda admiração pelo seu *exemplar* e abnegado civismo...»

O homem que hoje assigna essas palavras é o mesmo que, não ha muitos annos, inspirou a odiosa campanha movida á honra politica e pessoal do Dr. Bernardino de Campos, a quem não julgava digno de ser candidato á presidencia da Republica, porque, na sua opinião expressa num discurso gaguejado em Santos, «o presidente deve ser como a mulher de Cesar.»

INSTANTANEOS

Telegrapho sem fio

(Serviço de ultima hora)

Pêlê (?) O seu conto é muito bom mas sendo excessivamente fresco, pode, nestes dias de calor, indefluxar algumas das nossas castas leitoras.

As priminhas (?) — «Saudade é uma labareda que de um só jacto inflamma a nossa alma, nol-a escravisando impiedosamente, dirigindo o nosso espirito a seu bel-prazer.» Quem escreve esse pensamento está gravemente apaixonada e quem inspirou essa grave paixão, se não corre a cural-a, merece padecer morte affrontosa. «Assim como um barquinho perdido em alto mar procura velozmente uma ponta de terra, tambem o coração humano nos momentos mais atrozes de sua vida, procura um lenitivo que é a — Esperança.» O culpavel cavalheiro que accende estas idéas tristes no cerebro gentil das *priminhas*, é aquelle a quem são dedicados os pensamentos transcriptos, por isso, d'aqui o intimamos, a elle, ao *priminho Joãosinho*, a cumprir o seu dever de homem honrado. Se as *priminhas* forem duas case-se elle com á primeira pelo civil e mande-nos a segunda, que lhe daremos um marido pelo religioso.

Freddy (?) — Quando recebemos o seu protesto solenne, já os nossos haviam explodido sem solennidade.

— Menino, já não te disse que não te aproximasses do cão de guarda ? Elle não te conhece e pode bem te morder.

— Pois, diga-lhe que eu me chamo Juquinha, papae.

Os nossos filhos

— Maricota, deixa este cachorro. Eu já te tenho prohibido uma porção de vezes de brincar com animaes que não conheças !

— Mas mamãe, este eu conheço. E' um carlingdog.

A edade do casamento

Os judeus consideravam capazes de casar os rapazes de 13 annos e um dia e as raparigas de 12 annos e um dia. Admittindo-se casos de precocidade de desenvolvimento, 9 annos e um dia para o sexo masculino e 8 annos e um dia para o feminino.

Em Esparta, o homem só era considerado capaz de se casar aos 37 annos, e em Athenas aos 35.

Em Roma, a edade exigida era de 14 annos para os homens e de 12 para as mulheres.

A mulher na India podia casar aos 8 annos.

A Convenção franceza de 25 de Setembro de 1792 exigia 13 annos para a mulher e 15 para o homem.

O actual codigo civil francez estatue 18 para o homem e 15 para a mulher.

E' entre os 20 e os 30 annos que se realisa na Inglaterra o maior numero de casamentos.

Na França, Belgica e Italia, a edade mais favorecida é dos 25 aos 35.

As estatisticas dão como média de edade em que se realizam os casamentos em França, a de 30 annos para o homem e de 25 para a mulher.

Casa-se mais cedo nos campos e depois nas cidades de provincia.

Realizam-se em Paris os casamentos mais tardios.

Paris é a cidade de mais desproporcionalidade nas edades dos conjuges.

As estatisticas inglezas não denunciam esses casamentos de interesse.

Vingativo

— Que imaginas fazer ao heroe e á heroina d'aquelle romance que estás publicando em folhetins ?

— Com certeza caso-os no ultimo capitulo.

— Bravo! Fico satisfeito com essa sahida. E' o que ambos merecem.

INSTANTANEOS

OS ÁGAPES

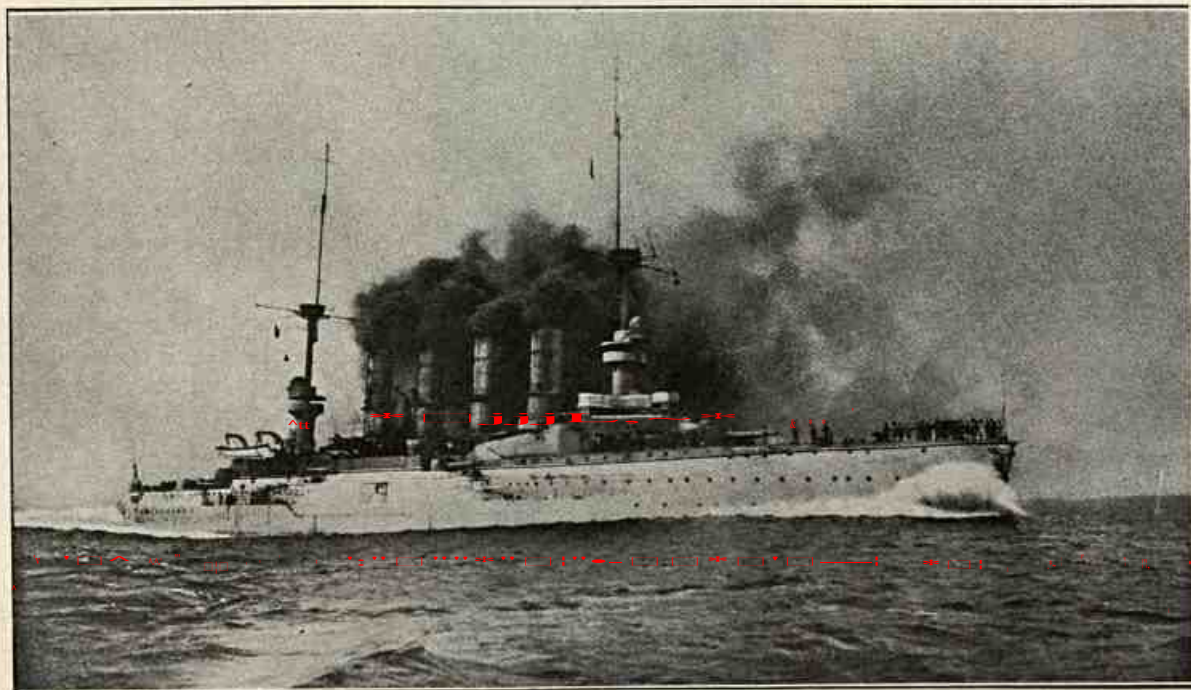
Assim se chamava a uma especie de banquete acompanhado de danças, que os christãos faziam nos primeiros seculos da igreja e que findavam abraçando-se todos e beijando-se na bocca, em signal de amizade e confraternidade.

O nome *agape* vem do verbo *agapan*, que significa *amar-se, querer-se*.

Estes banquetes, instituidos em memoria da ultima ceia, que Jesus Christo celebrara com seus discipulos, tinham lugar durante a noite e nos templos subterraneos, onde as perseguições dos imperadores obrigavam os christãos a celebrar as suas cerimonias religiosas. D'ahi tiraram os pagãos o motivo de fazerem as mais odiosas accusações aos christãos, arguindo-os de praticarem scenas escandalosas e torpes orgias durante as suas reuniões nocturnas. Por isso, e para banir toda a occasião de sensualidade, prohibiram os padres que os beijos de paz por que acabavam esses banquetes, se dessem entre as pessoas de sexo differente.

Apezar d'isso os abusos que de tal cerimonia se faziam, e dos quaes já no seu tempo se queixava São Paulo, induziram os padres da igreja a tentar a sua reforma, e por fim, no anno de 397, foram os *ágapes* inteiramente abolidos pelo terceiro concilio de Carthago, o qual tambem ordenou que os santos mysterios fossem celebrados em jejum, o que não succedia d'antes, pois que os banquetes dos ágapes éram antes da communhão geral.

Almeida e Irmão (rua dos Algibebes, 15, Bahia); A Gentil Pastora (João Antonio Esteves, Corumbá, Matto-Grosso), Antonio Maria e familia (S. Paulo); Paulo de Campos Braga (Rio de Janeiro), o Director e demais funccionarios da Directoria de Metereologia, e o Centro de Chauffeurs, do Rio de Janeiro, tiveram a gentileza de enviar saudações, pela entrada do novo anno, á redacção de *Careta*.

A GUERRA

O Scharnhorst, navio capitanea da esquadra allemã desbaratada nas ilhas Malvinas, o qual se submergio com o almirante Von Spee e toda a guarnição.

MEMLING

As mãos pallidas e o relevo de velhas urnas inquietas de creaturas exquisitas e ingenuas vivem na obra de seu melhor commentador uma vida dolorosa e contemplativa, que o momento prolonga e perpetúa.

As illuminuras biblicas de Memling têm o mesmo contorno de legenda e elegancia que a narração luminosa de Fromentin e o estylo suggestivo e unico da chronica de Commynes ou Froissart. O recorte dolente com que ficsa os seus motivos deixa insensivelmente no gesto, na expressão, no ambiente circumstante um halo de suavidade, um sentimento piedoso e commmovido de grandes plumas cinzentas vistas, em ronda, através de altas rozaceas christãs.

Nem lhe demora no symbolismo dos coloridos simplesmente, o desejo de por em linhas de esculptura religiosa, quasi monacal como Metsys ou Grünevald, as siluetas que mais afeiçoa; os violetas de Luini, os azues de Pompeia, os alaranjados de Cimabúe colorem-se subitamente, de uma trama de ouro aérea, recortada em sangue de rubis accezos, estrelada de verdese bistres dentro dos quaes a pedraria oriental reflecte interiores como só mais tarde a escola de Veneza revelou.

Emtanto na alacridade pagã das purpuras e dos cobaltos ha um recolhimento velado que lhe denuncia a origem. A bonhomia com que unge tudo quanto toca, veste-se de roupagens sobrias, tem a doçura dos typos do velho Rheno e a *paysannerie* de Van Eick e dos artistas flamengos não alvoroça o interior de seus quadros. Pouco sanguineas, d'anatomia menos caprichosa, mais em angulos e ossos que em curvaturas de carnação exuberante, as mulheres de Memling não conhecem o vinho louro das kermesses, nem floresce nos seus rostos a roza vermelha dos jardins de Rubens.

As fiandeiras e as damas burguezas de Ypres, de Bruges ou Gand sonham em suas télas sem contornos decorativos, com os dedos em agulha de estyletes sobre almofadas de seda ou encurvados na ponta dos fusos de cobre, orando e tecendo com a mesma paciencia e o mesmo amor.

O aranhol de azas em cujo filamento Rogier as prendia liberta-se, vôa unido de um incensario que mãos invisiveis balançam sobre a pureza de suas fisionomias e o azul d'esmalte dos olhos germanos.

Memling aprendeu a desenhar no primeiro reflexo de torre que vio partido pelas aguas tremulas do Rheno. E todo o incerto esplendor da sombra ignorada e das grandes ribas doiradas e silenciosas misturam-se, confundem-se em trechos de paizagem que as janelas recortam, em pedaços de terra capitosa e aromal que o cabello ruivo e os braços esguios de uma santa interrompem.

La Vierge au Donateur é talvez o exemplo mais completo de seus processos e a obra mais intensa e definitiva do artista de Flandres.

A arcada em onix de um palacio bysantino rasga-se, ao fundo, com as columnas fuseladas abrindo efflorescencias de parras nos capiteis trabalhados. Mas o olhar se engana considerando somente a architectura que assim apparece, com demasia de riqueza, a accusar um logar de festins pagãos. O mozaico é humilde, recorda ainda pelos tristes losangos rachados, o attricto dos pés, das estêlas e dos bancos arrastados, e o calor dos joelhos que pousaram, simples e contrictos sobre as pedras descoradas.

E a luz que entra coroando de nimbos as cabeças ethéreas dos vitraes, completa o ambiente e a igreja resurge no palacio, e as columnas perdem o aspecto glorioso de templo grego, subindo para as architraves a suster o enlevo mystico das naves.

Momling é assim, um semi-deus com pés de fauno e longas azas de apparição...

Posta no primeiro plano, destacando-se das ramagens de um docel em tapeçaria bruna e amarela, Nossa-Senhora com os cabellos em trança alourando o brocado de um manto que lhe desce dos hombros tem numa das mãos a creança divina e na outra um missal aberto. A testa espaçada, fugindo ao olhar perdido onos disticos sagrados, os maxilares ligeiramente denunciados, os labios quasi invisos arqueando-se em leve e rosea transparencia, o pescoço esguio como um caule, as mãos diluidas em cêra, finissimas, aligeras reunem-se, trahindo nos menores detalhes as virtudes e a maneira caracteristica do mestre de Bruges.

De cada lado descem em theoria monges e beguinas genuflexos, possuidos de uma só idéa, guiados por igual fervor, elevando as pallidas cabeças sobre o roxo e o negro dos bureis.

Nos angulos algumas collinas distantes, as barbacãs de um castelo e um peregrino isolado na curva de uma estrada.

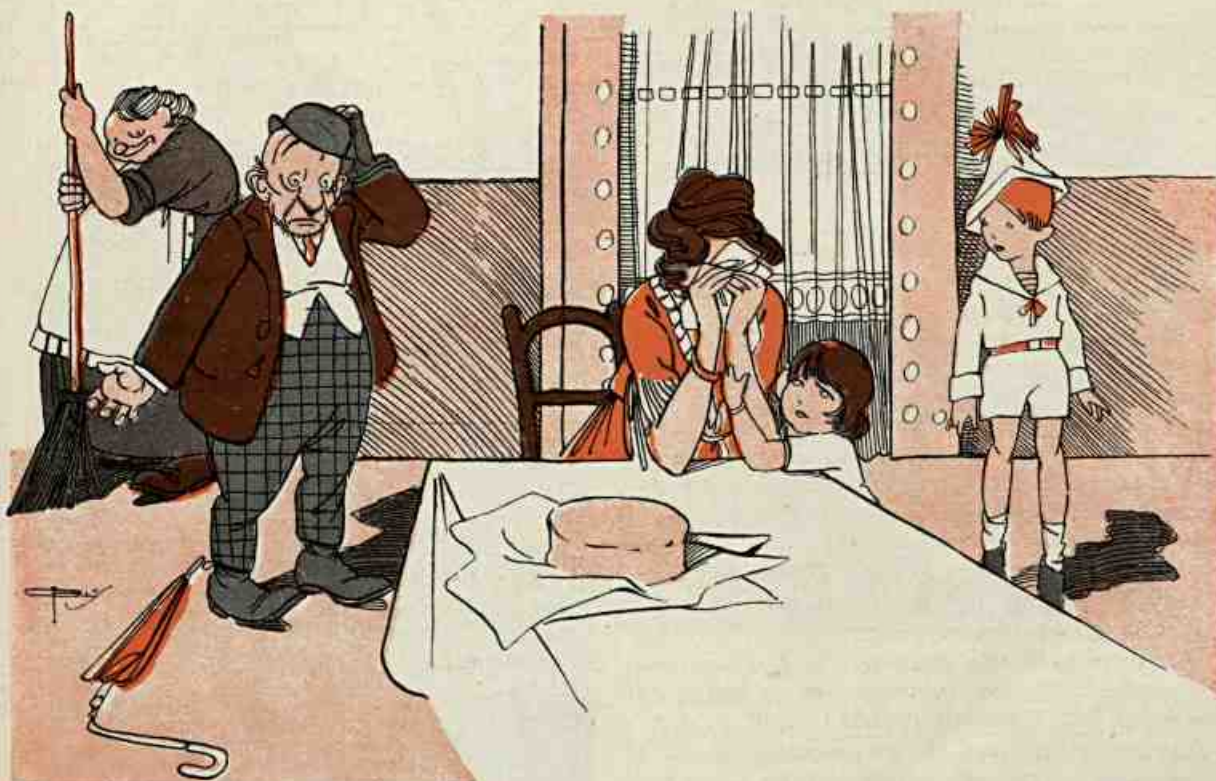
E' quasi uma parabola. Só faltam as theorias e os luths de Fra-Angelico para ser divina e um pouco do sangue de Regnault para ser humana.

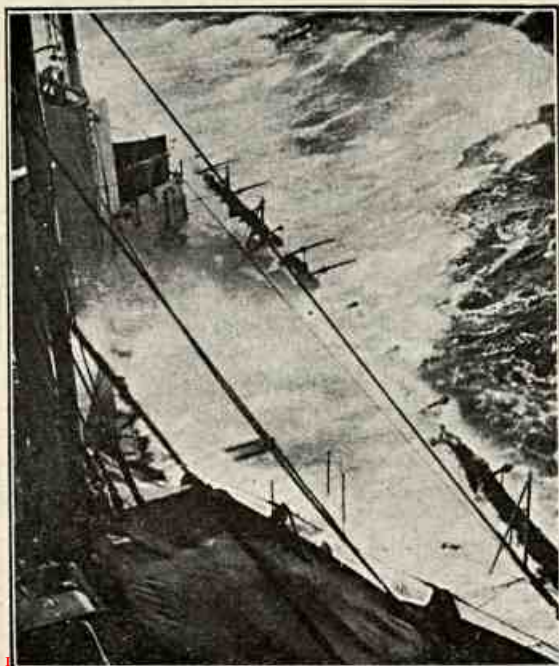
Mas o camponio de Moguncia parou entre a contemplação e a vida.

As harpas recurvas e a alegria brutal dos sacrificios e das kermesses não puderam escravizal-o e elle ficou aroma de thyrso e canção de psalterio a recordar...

E' que sua alma nasceu :
«d'une essence ravie au vieillesses des roses...»

RONALD DE CARVALHO

MAL ENTENDU

— Idióta ! Pedaço d'asno ! Então eu vou dar um queijo como presente de annos ?...
— Mas filha... Tu pediste uma queijeira ou coisa que se parecesse.

A GUERRA

A vaga, em máo tempo, batendo no «Andromeda», um dos super-dreadnoughts do typo do «King George V».

AO AR LIVRE

AS BARBARIDADES ALLEMÃS

Eu tenho um visinho allemão que é meu amigo. E' um homem bom, com quem eu discuto a guerra sem brigar.

Em todas as nossas discussões, que nunca são accaloradas, eu, quando me vejo em posição de ser batido no campo militar, recúo e me entrincheiro nas barbaridades que os allemães praticaram na Belgica e na França. O meu visinho me pergunta em que condições os allemães praticaram essas barbaridades; eu não lhe respondo e falo em principios de humanidade e interesses da civilisação.

Quando fui ao cinematographo e vi as ruinas da Belgica e da França fiquei tão indignado que tratei o meu amigo com azedume.

Dias depois do meu azedume, o meu visinho convidou-me a ir ao cinematographo ver os signaes da passagem dos russos pela Prussia Oriental.

Acceitei o convite e fui ao cinematographo com o meu amigo. Levei uma grande surpreza. Os russos passaram pela Prussia Oriental como os allemães pela Belgica. Na Prussia Oriental, como na Belgica, ruinas attestam a passagem do invasor.

Eu, compungido, fiz essa observação ao meu amigo, mas elle retorquio :

— Isso não é o signal do invasor, é o signal da guerra.

Eu quiz retrucar mas o allemão perguntou :

— Sabe por que os francezes e os inglezes não commettem barbaridades semelhantes ?

Eu, sem saber bem o que dizia, affirmei :

— Porque são homens conscientes.

O allemão deu uma gargalhada e disse :

— Engana-se. Não commettem barbaridades porque não estão no solo inimigo. Si a guerra *chegasse* ao territorio allemão, o meu amigo veria que os alliados não são mais conscientes do que os allemães.

Lembrou-me, depois, que os alliados promettem respeitar a cathedral da Colonia mas juram arrazar as fabricas allemãs.

Diabos ! Quem sabe si o meu visinho não tem razão?

J. Falcão

Botafogo, 1915.

Focio, o atheniense, um dia que falava foi de repente muito applaudido.

Voltando-se para os amigos que o rodeavam, perguntou :

— Teria eu dito alguma asneira ?

A GUERRA

Canhões de 13.5 pollegadas, de uma das torres do super-dreadnought inglez «Audacious».

O PREDESTINADO

BRAZ: — A qual d'elles trahirei?!

DUAS DE FREDERICO

A conflagração actual poz em evidencia a casa real da Prussia, cujos antepassados têm neste momento a sua vida e suas anedoctas trazidas á luz.

Entre ellas veiu á publicidade esta, attribuida — pela imprensa allemã — a Frederico o Grande, da Prussia.

Este monarcha era accessivel aos seus subditos, cujas reclamações ouvia pessoalmente, decidindo-as ás vezes segundo aquelle espirito filosofico que notabilisou na historia o seu nome.

Uma vez uma mulher, cujo marido a castigava mais frequentemente do que era habitual naquella epocha, comparecendo a uma audiencia do monarcha, apresentou-lhe a seguinte queixa:

— Magestade, o meu marido me maltrata.

— Isso não é de minha conta; respondeu o rei.

Querendo movel-o a seu favor, a mulher proseguiu:

— Mas elle fala mal de Vossa Magestade.

— Isso, respondeu o monarcha, não é da sua conta.

Esse rei era affeiçoado aos sabios e homens de letras. As suas relações com Voltaire são muito abundantes de episodios que ficaram historicos. Mas não foi Voltaire o unico francez que Frederico II honrou e estimou. Depois da paz de 1753, elle escreveu a d'Alembert que o fosse encontrar em Wesel. Uma das primeiras perguntas que elle fez ao sabio foi se «as mathematicas forneciam algum methodo de calcular as probabilidades politicas.»

O grande geometra, que, alem de homem de sciencia era francez, isto é, cortez e galanteador, respondeu:

— Não conheço tal methodo. Mas mesmo que existisse não teria nenhuma utilidade para um heróe como Vossa Magestade, que conquista contra todas as probabilidades.

Como seria differente hoje a resposta de um francez ao rei da Prussia!

O Polo Norte é uma região absolutamente gelada, sem nenhum dos encantos da civilisação, privada de qualquer conforto, tendo, como unicos mas invisiveis traços de humanidade, os descarnados ossos de aventureiros e de exploradores.

Com todos esses defeitos, o Polo Norte é uma região encantadora. Lá, ao menos, a gente pode viver com felicidade o minuto que antecede a morte. Lá não se conhece o senador Pinheiro Machado e não se fala no Presidente Wencesláo...

**** O theatro nacional vae sahir do atoleiro em que o afundaram. Um grupo honesto de autores e actores, com as intenções mais puras, reunindo esforços, deliberou salvar a arte de João Caetano das obscenas profanações com que a aviltavam reles ganhadores sem escrupulos... A obra da regeneração começou já a purificar o palco mas, para não descontentar o publico affeito á sordicie, os intransigentes operarios regeneradores iniciam o seu hygienico trabalho cultivando os defeitos que condemnam.*

Um engano occorrido em nosso numero passado conflagrou por um momento os sentimentos europeos que palpitam nas almas brasileiras dos nossos redactores.

Reproduzimos, de uma folha extrangeira, uma gravura representando um official inglez que, ferido na guerra, regressára á patria e fôra communicar a um chefe de familia, em reunião desta, a morte de seu unico filho varão, tombado gloriosamente no campo de batalha.

Por desventura sua, o fervoroso partidario dos alliados á quem incumbimos d'aquelle serviço, attribuio o *feito inglez* a um *official germanico*. Quando se deu pelo engano, era tarde para remedial-o.

Os nossos *alliados*, cerrando columnas, avançaram contra o descuidado companheiro, accusando-o de applicar á imprensa os processos da cultura allemã.

O accusado, depois de um tragico silencio, declarou, sophismando:

— Fiquei com pena dos allemães, que estão perdendo terreno em todas as linhas. Para consolal-os, dei-lhes um feito inglez.

O correspondente de uma folha allemã, que estava presente, propoz:

— Para compensar o que tirou aos inglezes, proponho que a *Careta*, em seu proximo numero, dê aos alliados a destruição da cathedral de Reims.

Um orador de Athenas disse a Demosthenes:

— Se os athenienses endoidecem, matam-te.

Demosthenes respondeu:

— Mas a ti matam-te se tiverem juizo.

Consideremos os mortos como ausentes: pensando assim não nos enganaremos. — SENECA

Uma herança disputada

Eram demasiado velhacos os bichos daquelle tempo.

Os mais expertos cuidavam sempre de enganar os outros.

Quando o seu velho rei, o camêlo, cansado de fazer asneiras, resignou a corôa, houve, no reino, um grande reboliço.

Mas os bichos não tardaram muito em concordar que ao burro devia aquella ser dada. Sabiam todos que, depois do camêlo, era elle o mais simplorio dos animaes: não havia bicho a quem se pudesse lograr com mais facilidade.

Tempos depois, o burro foi sagrado e começou a reinar.

A primeira questão importante que teve de resolver foi a de uma grande herança disputada pela aguia e pelo melro.

O caso era muito complicado e o rei não quiz decidil-o por si só. Mandou consultar os sabios do reino e estes foram accórdes em dizer que á aguia cabia a herança.

O burro mandou, portanto, entregal-a a esta. Mas, o gallo, um animal que sempre se intromettera em todos os negocios do reino, para encaminhal-os á mercê dos seus interesses, tratou logo de convencer o rei de que a herança era do melro, caixeiro do seu negocio.

O burro resistiu. Não era possivel.

Os sabios do reino já se tinham pronunciado. A opinião de todos estava conforme. Era uma coisa que ninguem mais podia discutir.

— As gralhas ainda não disseram nada, obtemperou o gallo. (As gralhas sempre haviam tido, no reino, a velleidade de representar a opinião publica.)

— Ora, as gralhas, disse o burro. Se eu fosse convocal-as, ellas esvasiariam os celleiros da metropole. Ellas sempre comeram demais.

Mas, tanto o gallo insistiu que o burro convocou as gralhas. Ellas se reuniram, discutiram muito, porém, não resolveram nada. Comeram todo o milho que inda restava nos celleiros da capital. A miseria publica se declarou.

A aguia, que já estava de posse da sua herança, não foi tola e ficou com ella. O burro, de pateta que já era, ficou doido, mas, continuou a reinar. O reino hoje vive a matroca.

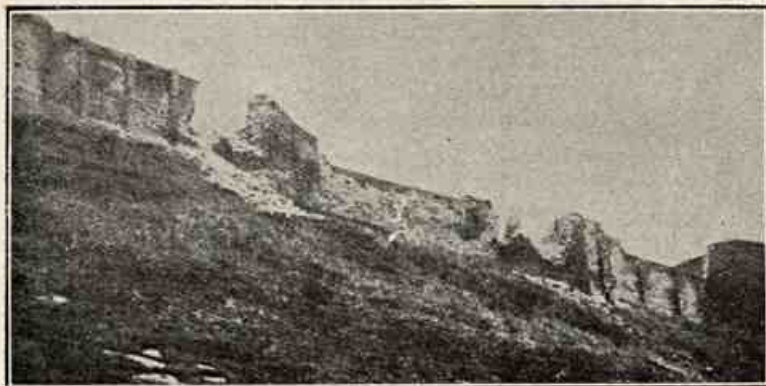
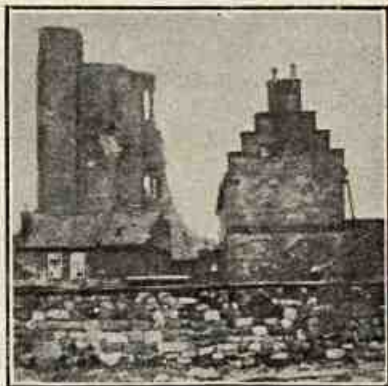
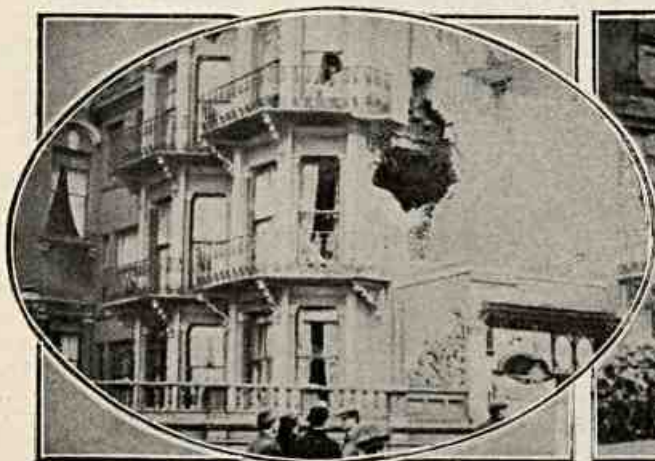
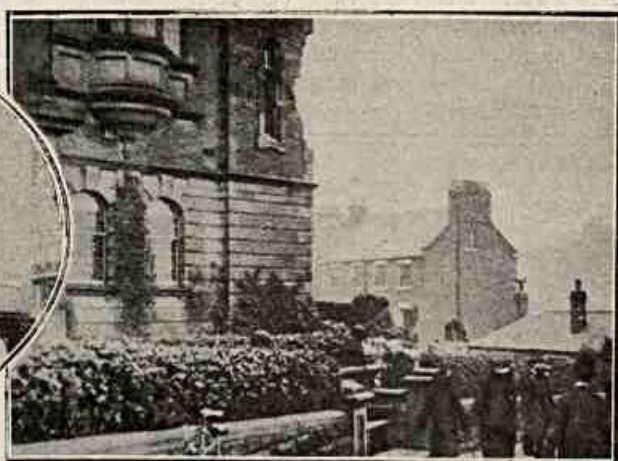
VIDAL MALHEIROS

Desgraçado estimado

— O' moço, você enforca o cachorro.

— Elle está habituado. Isso é *cachorro de estimação*.

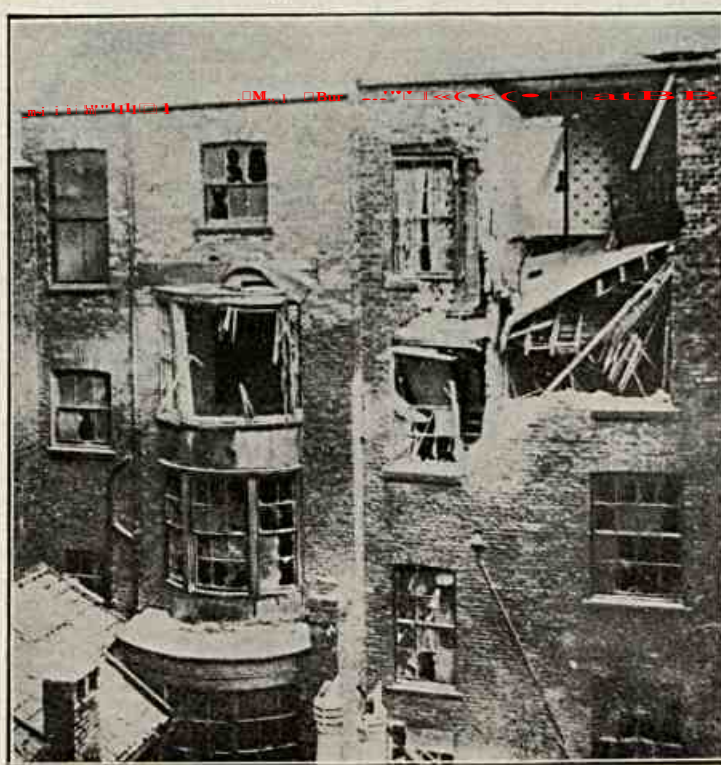
SCARBOROUGH

DEPOIS DO BOMBARDEIO ALLEMÃO

Ruinas das antigas fortificações

Ruinas do velho castello

Um canto do Royal Hotel

A municipalidade damnificada por uma granada

Logar onde um homem foi morto, perto de sua loja

Uma loja

SCARBOROUGH

DEPOIS DO BOMBARDEIO ALLEMÃO

Damnos causados em varios predios

A CONFERENCIA DA PAZ

(Continuação)

No dia seguinte correu a noticia de que o ministerio do exterior havia posto duvida em enviar o convite ao Homem. Dizia-se que o Homem, formando lá a sua classe á parte que não estava sob a corôa do Leão, não devia receber convites.

Travou-se então na imprensa uma discussão acceza a esse respeito. De um lado se dizia que o convite ao Homem era não só uma prova de cortezia como tambem um alto gesto diplomatico, do outro se affirmava que o convite não se explicava porque o Homem constituindo um reino á parte, com costumes e habitos diversos, não podia ser incluido numa assembléa de elementos tão extranhos.

Os argumentos surgem em borbotões de lado a lado.

Os que eram pelo convite mostravam que isso do Homem ser completamente extranho em habitos e costumes do Reino, nada queria dizer. A grande verdade era esta : scientificamente o Homem pertencia ao Reino Animal. Isso de uzos e costumes era coisa secundaria.

A Baleia tinha os costumes diversos dos costumes da Aguia, esta do Sapo, este do Tigre, este da Borboleta e, no entanto todos pertenciam ao mesmo Reino. Que importava que o Homem se julgasse á parte ? A Aguia, como senhora dos ares não era tambem uma individualidade a parte ? A Baleia, princeza do mar, a Phoca, duqueza dos gelos, o Tatú, archiduque das tocas, o Jacaré, o barão dos rios, não constituiam tambem governos á parte, com habitos e uzos proprios ? E todos não eram bichos ? E não estavam no rol dos animaes ?

A imprensa contraria não se deixava vencer. Sim, a Aguia, a Phoca, o Tatú, a Baleia, o Jacaré todos esses animaes formavam a parte com uzos, historia e tradicções diversas. Mas ninguem podia negar que todos elles respeitavam a soberania do Leão. Eram governos á parte, mas sob a jurisdicção da corôa leonina. E o Homem ? O Homem, não. O Homem formava um governo seu, exclusivamente seu, sem a mais pequena ligação com a côrte do Leão.

Que importa isso ? gritavam os partidarios do convite, que importa que elle forme uma nação a parte se é do nosso interesse que elle a nós se una e comnosco se congrace ?!

Não é possivel, estrilavam os contrarios, não é possivel porque assim iremos metter na nossa intimidade elementos heterogeneos que virão certamente perturbar as normas do nosso governo.

A actividade do Coelho foi nessa occasião formidavel. Era do Parlamento para o ministerio do exterior, do ministerio do exterior para o Parlamento.

Affirmava-se de viva voz falar do Leão. E um dia de manhã o *Diario Official*, em duas linhas, noticiava que entre os convites distribuidos para a conferencia, fôra contemplado o Homem.

Um alegrão no Reino. A questão havia apaixonado o povo.

A' bocca pequena se contava que o Leão muito gostosamente mandara o convite ao Homem porque de ha muito que andava a procura de um ensejo para fazer as pazes com tão habil e perigoso rival.

IV

Approximava-se a epoca da conferencia. Uma manhã apparecera nos jornaes um artiguête do Coelho convidando os bichos para tratar-se da recepção do Homem. Ja o Homem havia respondido ao Leão, promettendo comparecer á conferencia e determinando o dia de sua chegada á capital do Reino.

A reunião convocada pelo Coelho estava marcada para a noite, numa das praças mais publicas da cidade. Quazi todos os bichos compareceram.

O Coelho falou. Era necessario que se recebesse festivamente o Homem.

E passou a explicar as razões. A victoria da conferencia dependia do Homem. Como todo o mundo sabia era elle um bicho de primeira grandeza, talvez a maior potencia da animalidade.

A Hyena, carrancuda num canto, deu um uivo :

— Protesto !

O Coelho voltou-se :

— Estarei dizendo alguma heresia ?

— Está, pelo menos, affirmando uma inverdade.

O Coelho era independente e rebelde de mais para se calar.

— Tomo o testemunho de todos os presentes, disse.

O Urso achou conveniente desviar a discussão d'aquelle rumo.

— E' mais rasoavel que não perturbemos o orador e que o deixemos continuar na sua explanação, rugiu.

O Coelho continuou :

— Talvez a primeira potencia da animalidade. Quando affirmei a primeira potencia está visto que me não referi a sua força physica e sim aos seus grandes engenhos de destruição, as suas infernaes armas de guerra. O Homem tem comsigo a funda, a flexa, o laço, a lança, o chanfalho, a rêde, o anzol, emfim todo esse arsenal de destruição inevitavel. Agora mesmo acaba de inventar a arma de fogo, uma machina incrivelmente perigosa, que vomita a morte pela bocca.

Não ha talvez nesta assembléa quem não conheça, ao menos por noticias, os effeitos diabolicos dessa arma. Quando falei em primeira potencia, ás armas do Homem e não á sua força physica que, como nós todos sabemos, é nenhuma.

E estendeu-se. O concurso do Homem na conferencia da paz era de uma valia sem igual. O Homem não era a potencia que destruia este ou aquelle animal. Era o cataclisma de todos os animaes.

A Hyena tornou a rugir :

— Protesto !

O Coelho encarou a assembléa :

— Cavalheiros, estou ou não affirmando uma verdade ? E' ou não verdade que nós todos respeitamos e tememos o Homem ?

— Torno a protestar !

— E' verdade sim ! berrou o Urso.

— Pura verdade ! roncou o Elephante.

— Apoiado ! estrondou o Tigre.

Houve um grande tumulto. Durante cinco minutos a praça se encheu de um alarido de vozes em conflicto.

— Ordem ! ordem ! gritou o Lobo. Não estamos aqui para brigar !

O barulho serenou um pouco.

Ouvia-se a voz da Hyena ainda desesperada :

— Não admitto ! Não tenho medo de ninguem. Nunca temi o Homem. Quando a elle me atiro levo

vantagem. Não o temo. Se vocês são covardes, eu não sou.

O Urso atalhou-a.

— Não esteja com valentia, nós todos tememos o Homem.

— Eu nunca! gritou a Hyena, já o venci uma vez.

— E seus paes e seus avós! retrucou o Urso. Morreram quazi todos nas mãos do Homem.

— Protesto! Não é verdade! roncou a Hyena.

O Elephante ergueu a sua massa de carne:

— Meus senhores, attenção. Nada de discussões estereis. Não estamos aqui para brigar, nem para discutir o valor de quem quer que seja. A verdade é esta: todos nós tememos o Homem, senão pela sua força, pelo menos pelos seus engenhos. Podemos negar, podemos esconder mas a verdade é que tememos. Esta reunião foi convocada para fins pacificos, não queiramos perturbar os justos motivos della.

— Sim, sim, concordo, rosnou a Hyena. Mas não estejam a inventar temores que não existem.

O Elephante fitou-a:

— E você quer mesmo dizer que o Homem lhe é indifferente?

— E porque não? respondeu.

— Você quererá affirmar que não lhe teme o laço, a flexa e principalmente essa infernalissima arma chamada de fogo?

— E porque não?

O Elephante teve um tom de feroz ironia na resposta:

— Porque ninguem acreditará.

E voltando-se para o Coelho:

— Continue!

O Coelho continuou. Lamentava que se tivesse dado tão desagradavel incidente. Repetia: quando affirmara que todos os bichos temiam o Homem não se referira á força phisica deste e nem aos seus inventos perigosos. Esses inventos (ninguem podia negar) causavam um grande prejuizo ao Reino Animal. Era, portanto, de alta politica, de fina diplomacia conseguir com que o Homem depuzesse as suas armas e não mais se servisse dellas para a destruição dos bichos.

E como conseguir isso? Como conseguir que elle, na conferencia não se oppusesse aos intuitos de paz? Envaidecendo-o, lizongeando-o. O Homem era no mundo o animal mais vaidoso e mais accessivel a salamaleques e engrossamentos.

— Comecemos pelo principio, exclamou. Comecemos recebendo-o festivamente, barulhentamente, magnificamente. Da impressão que elle receber na chegada dependerá a sua attitude na conferencia. E de sua attitude na conferencia dependerá a tranquillidade ou o desassocego de todos nós, grandes ou pequenos.

A reunião continuou até tarde. Apóz o discurso do Coelho tratou-se dos detalhes da festa de recepção. Foi lembrada a idéa de pedir-se ao Leão um dos seus castellos para hospedar o Homem.

Ao Macaco, esperto, de um espirito inventivo bem accentuado, foi entregue o programma das festas.

(*Continúa*)

(Da *Arca de Noé*).

Viriato Corrêa

O SODRÉ ATOLADO

— Cá, na minha fraca opinião, o Sodré continúa *empoçado* com *c* cedilhado.

Metaphora infeliz

O commendador Aristoteles Coelho, depois de haver enriquecido no commercio de assucar e farinha de trigo, liquidou o negocio e foi residir no Ipanema. Não se comprehende, á primeira vista, a razão por que um homem que passou a sua vida na rua do Hospicio, da loja para o primeiro andar e do primeiro andar para a loja, entendeu modificar tão profundamente os seus habitos, trocando a poeira da cidade e o barulho dos bondes e carroças, pela neblina que levanta o embate das ondas e o rugido do oceano. Um seu amigo explicou porem esse facto. E' que um homem que enriqueceu no commercio da farinha e do assucar, deve profunda gratidão á areia. E por isso é que o commendador Coelho quiz passar os seus ultimos annos junto da areia, na praia.

Apezar da salubridade do logar, o commendador adoeceu. E mandou chamar o seu medico, um abalisado esculapio, candidato á Academia de Letras, e cujo nome conhecemos, mas preferimos denominar por Dr. X.

O Dr. X. foi e receitou. Diariamente continuou a fazer visitas ao commendador Coelho. A conta já estava augmentando, o que provavelmente retardou um pouco a cura do commendador. Um dia porem este, sentindo-se melhor, entendeu que podia dispensar as visitas diarias, e quando o medico chegou, disse-lhe :

— Dr. X., sou muito grato á solicitude com que tem me tratado ; e como já estou melhor, o senhor não precisa tomar o trabalho de cá vir diariamente.

— Oh, senhor commendador ; trabalho nenhum.

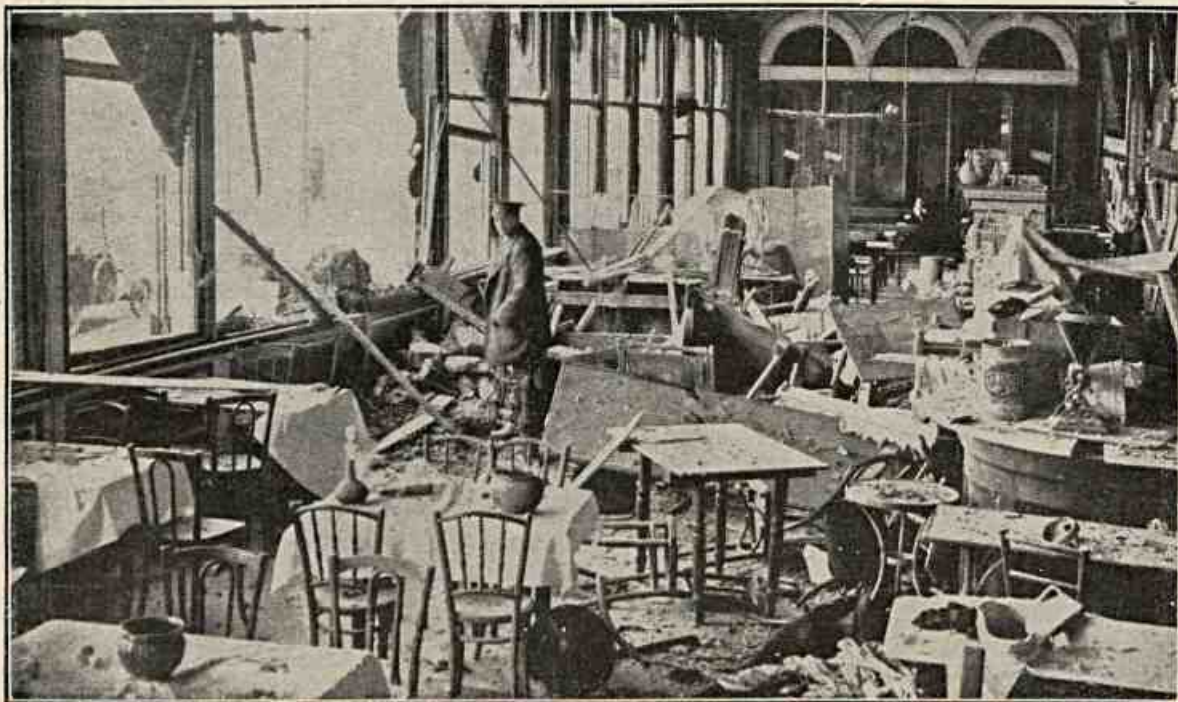
— Não senhor. Deve ser-lhe muito penoso abalar-se da cidade até aqui, esta enorme distancia, só para me vêr.

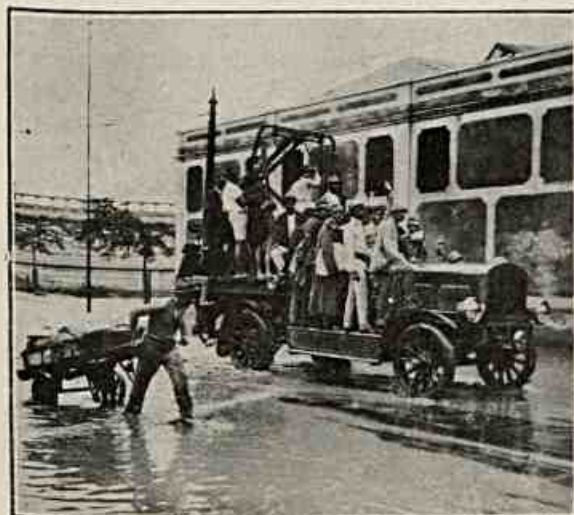
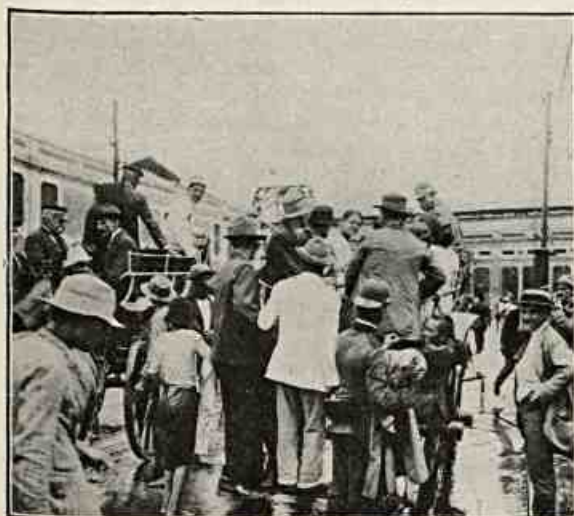
— Mas não é o senhor o meu unico cliente neste bairro ; respondeu o medico. Aqui adiante, na rua da Igrejinha, tenho um outro doente, escripturario da Alfandega, João Coelho, assim eu aproveito a viagem, e mato dous coelhos de uma cajadada só.

Modos de entender as cousas

O bispo de uma das nossas mais importantes dioceses tinha por habito, quando era procurado por alguma de suas ovelhas, mandar dizer que estava entregue aos seus estudos, e por isso não podia receber o visitante.

Isso tantas vezes se repetiu que afinal as ovelhas já desesperadas fizeram uma representação ao cardeal, queixando-se amargamente de que elle lhes houvesse destinado um bispo estudante e não um outro que já tivesse concluido os seus estudos.

SCARBOROUGH — depois do bombardeio allemão

O refeitorio e a copa do Grande Hotel

A INUNDAÇÃO

Aspectos das ruas inundadas

TESOURA

Foi publicado em Sophia, capital da Bulgaria, o summario do tratado turco-allemão.

Esse tratado estabelece que a Allemanha assume o compromisso de fornecer á Turquia, por todo o tempo que durar a guerra, as munições, o material, o dinheiro e os officiaes necessarios á acção dos exercitos.

No caso de ser victoriosa, a Allemanha pagará á Turquia um quinto da indemnisação de guerra que obtiver ; no caso de ser derrotado, o kaiser fará incluir no tratado de paz uma clausula que assegure a integridade do imperio ottomano.

Os dois paizes se compromettem a não concluir a paz separadamente um do outro.

Por esse tratado, a Turquia promette fazer guerra á Gran-Bretanha e á Russia mas não ha nenhuma menção á França.

Resumindo, pois, o resumido tratado turco-allemão, conclue-se : 1º — Si a Allemanha vencer, a Turquia recebe um bom dinheiro ; 2º — Si a Allemanha fôr vencida, a Turquia não perde cousa nenhuma.

Deante disso, não ha atrevimento em dizer que na grande guerra em que se entrechocam os altos interesses de civilisações rivaes, os turcos representam o papel indigno de mercenarios.

O primeiro castigo do culpado é que a sua consciencia o julga e jamais o absolve.

JUVENAL

Os deuses, serenos reguladores da Ordem, são, ás vezes, maliciosos no repartir entre os seus altos ministros humanos e divinos as funcções administrativas do orbe.

Zeus, o esthetico Jehovah do limpido azul da Helade, collocou o perigoso sceptro do amôr nas mãos infantis de Cupido. A's vezes, brincando pelas floridas devezas, o travesso menino dispara ao acaso as ligeiras settas inflamatorias e das feridas por ellas abertas nascem nos incautos corações mortaes as cegas paixões que ninguem comprehende, os contradictorios amores que ninguem explica : decrepitos anciãos apaixonados por timidas donzellas ingenuas, rainhas caindo nos braços plebeus de pastores ou de lacaios.

Odin, o furibundo Zeus das perturbadoras brumas escandinavas, metteu o sceptro imperial da Allemanha nas mãos prussianas de Guilherme II e da sua nuvem tonitroante assiste ao espectaculo magnifico da Força a rolar, explosiva, pela superficie convulsionada da terra.

?

No ensanguentado lamaçal em que se transformou a politica cearense, uma figura unica apparecia de pé : — a do velho deputado João Lopes. Succediam-se, em torno do seu vulto, os cambalachos contradictorios dos adhesistas, as correrias espertas dos roedores, as idas e vindas dos magdalenas, porem nunca o deslocamento dessas massas incoherentes arredou o firme parlamentar do posto a que se julgava preso por um dever — que era, apenas, um nobre sentimento de amizade. Na hora do perigo, sustentou os seus companheiros dos dias felizes, amparou-os no momento da derrota mas foi condemnado pela ingratidão quando a victoria os repoz no poder. Com a sua tradicção de republicano historico e de presidente da Camara no tempo angustioso de Floriano e da Revolta, com o seu passado de jornalista e com os seus desinteressados serviços ao Ceará, o venerando cidadão acaba de ser preterido na chapa official cearense pelos jovens afilhados do novo olygarcha. O Sr. João Lopes é um homem a cuja respeitabilidade a inteireza dos seus adversarios rende justiça. Esperemos que não lh'a neguem, nas eleições proximas, os homens de bem do Ceará.

De um grupo de rapazes que iam ás lebres fazia parte um que tinha pouco mais espirito do que aquelle com que nascêra.

Recommendaram-lhe cautela para as não afugentar. Mal viu apparecer algumas, eis que exclama :

— *Ecce multi cuniculi* ! (olha que quantidade !) fazendo-as fugir.

Increpado pelos companheiros respondeu que não podia advinhar que as lebres percebiam latim...

Uma de Dúdú

Em Petropolis. Dúdú vae fazer uma visita. Encontra grande companhia. Umas pessoas palestram. Outras fazem musica. Outras emfim jogam o *poker* a um canto. O Dúdú foi apreciar o jogo.

Um dos parceiros, tendo dado uma pichotada, jogou as cartas na mesa, dizendo encolerisado :

— Ora ! Sou um verdadeiro Hermes !

— O senhor o que é, é um tolo ! exclamou muito vermelho o Dúdú.

— E' justamente o que eu queria dizer — retrucou o outro.

No futuro mez de Maio, em sessão solenne, como é, aliás, de seus habitos, a Academia Brasileira receberá o grande poeta Emilio de Menezes, eleito na vaga de Salvador de Mendonça.

O novo academico será saudado pelo illustre poeta das *Ondas*, Luiz Murat.

A recepção do Dr. Lauro Muller, embora estejam esgottados todos os prasos que lhe deram para tomar posse da cadeira de que privou o archaico Barão de Ramiz Galvão, ainda não foi marcada.

Os nossos chauffeurs

O commendador X. que reside em um dos mais bellos predios de Botafogo, chamou seu *chauffeur*, um argentino todo mettido a rei e disse-lhe :

— Vá me buscar á cidade, á padaria tal, dous mil réis de pão quente.

O *chauffeur* formalisado :

— Isso não é da minha competencia.

— E o que é da sua competencia ?

— Conservar o auto sempre limpo e guial-o.

— E elle está limpo ?

— Sim senhor.

— Pois então prepare-o para sahir. Conduza o copeiro á padaria designada e elle que traga o pão.

Os amigos do alheio

— Olhe, Evaristo. Si a policia nos descobrir, dirás que as gallinhas são para um doente.
— E o sacco de milho ?
— O sacco de milho ?... E' para as gallinhas.

Dr. Bernardino de Campos

Em S. Paulo, onde se radicára, encerrou a sua longa e util existencia, o Dr. Bernardino de Campos, que era natural de Minas mas politicamente pertencia a S. Paulo.

Em 1893, quando, sob o governo de Floriano, a revolta da esquadra e a revolução dos gaúchos conflagravam o paiz, o Dr. Bernardino de Campos presidia o Estado de S. Paulo.

Na qualidade de presidente do grande Estado, tendo ido visitar a cidade de Santos, o Dr. Bernardino visitou a fortaleza que defendia a cidade.

Quando se realisava esta visita, do largo, um navio revoltoso — o *Republica* — fez um disparo contra a fortaleza.

A' passagem do projectil, o official que acompanhava o presidente, um pouco alarmado, disse :

— Abaixe-se, Dr. Bernardino.

O corajoso mineiro que então encarnava a altivez paulista, conservando-se de pé, respondeu :

— O Estado de São Paulo não se abaixa !

Essa phrase authentica foi incorporada á historia, onde apparece ao lado da que Floriano não disse (á bala) e da que Rodrigues Alves pronunciou (aqui é o meu logar) em momentos de imminente perigo.

A vida do Dr. Bernardino de Campos foi longa e a sua carreira politica foi das mais intensas e accidentadas.

Esse momento épico, de uma e de outra, que aqui rememoramos resume-as no esplendor do que ellas tiveram de grande e bello.

DOMINGOS AYRES

Tapera, 1915.

Rusgas entre recem-casados

— E' verdade, Arthur ; estamos casados apenas ha quatro semanas e já me fizeste chegar á certeza de que me não amas !

— Bolas ! a culpa é tua ; é a tua exquesita maneira de ver as cousas ; parece que não tens outro interesse senão ver até onde o amor póde levar a minha paciencia.

— Não, Arthur ; não divagues. Dize logo que não sou a mulher que devia casar comtigo. Tu devias ter casado com uma mulher bastante crédula e curta de ideias...

— Acertaste agora, minha filha ; eu é que errei, mas fica certa de que fiz tudo para conseguir o que disseste.

ARCHIVO UNIVERSAL

A armada sueca, sendo pequena e pouco citada, não deixa, por isso, de ser bôa, nem de possuir excellentes marinheiros.

O commandante Dr. Cordeiro da Graça, quando, ha pouco tempo, esteve na Suecia em commissão da nossa esquadra, teve occasião de assistir a uma proeza que demonstra a pericia com que são manobrados os submarinos do bello paiz escandinavo.

O submarino com o aeroplano que salvou

Um aeroplano fazia evoluções galhardas pelo ar e, quando pairava sobre o mar, soffreu um desarranjo no motor e cahio n'agua, afundando-se, emquanto o aviador era salvo.

O commandante Schussler, que recolhera o aviador, vendo-o queixar-se por perder o apparelho, promptamente mergulhou o submarino do seu commando e minutos depois reappareceu á tona d'agua trazendo a machina de voar na coberta, á pôpa da machina de nadar. A nossa gravura mostra os dois apparelhos, depois da salvação de um pelo outro. — ARCHIVISTA

A "Escola Remington" e a sua bellissima festa

Mesa Directora, composta dos Srs. Frederico Ferreira Lima, Arthur José Lopes e La-Fayette Côrtes, directores da «Escola Remington» e de dois representantes da imprensa ; e alumnos que tomaram parte no grande concurso de dactylographia e tachygraphia

Aspecto da vasta platéa do Theatro Lyrico, onde se agglomeraram cerca de tres mil pessoas, por occasião da encantadora festa annual da prospera, acreditada e triumphante «Escola Remington»

O *Cine-Palais*, da Avenida Rio Branco, está exhibindo authenticos *films* da guerra.

O primeiro d'elles, a que assistimos, deixou-nos boquiabertos de admiração, arrancando-nos urros de enthusiasmo, com os seus vivos quadros ineditos.

Algumas pessoas exigentes, que entendiam que os soldados da Republica deveriam apparecer na fita com os uniformes que levam aos combates, extranharam que os francezes que combatem na Alsacia apparecessem no film com o uniforme napoleonico de 1870.

Esse facto é explicavel. Pouco antes da guerra actual, uma fabrica allemã, certamente com o intuito de conquistar os mercados cinematographicos de França lisonjeando o patriotismo francez, preparou uma excellente fita cujo resumo era, mais ou menos, este : — O exercito prussiano invadira a França; os francezes foram chamados ás armas. Um telegraphista, que incumbira a esposa de substituil-o no serviço telegraphico e partira para o campo de batalha, morreu ás mãos de um tenente inimigo, ao qual encarregou de devolver á sua esposa uma photographia que levara do casal. Pouco tempo depois, na occasião de um assalto á estação telegraphica, esse tenente tombou ferido, foi recolhido ao leito d'aquelle que matara, e sem saber a quem a entregava, entregou a photographia á legitima destinataria, contando-lhe, então, a morte do telegraphista. Ferida no seu amôr e no seu patriotismo, a pobre mulher deliberou vingar a patria e o esposo. Os prussianos tomaram conta da installação telegraphica, mas, subindo a um telhado, a franceza adaptava um fio de arame á rede telegraphica e, com um apparelho que escondera, recolhia as communicações allemãs e ia leval-as ao campo francez. Surprehendidos com as inexplicaveis derrotas que o esmagavam, os prussianos redobraram de vigilancia até que um piquete de uhlanos avistou a mulher sobre o telhado, preparando-se para a captura dos despachos. Presa e levada á presença de um conselho de guerra, foi condemnada á morte e fuzilada, muito embora o Principe Real concedesse o perdão solicitado por uma filhinha da heroina. Esse entrecho desenrola-se epicamente. As batalhas são feitas com vigor e verdade.

Essas batalhas do velho *film* em que os francezes combatem com o seu uniforme de 1870, foram honestamente encaixadas no *film* da guerra de 1914.

Muita gente pensa que houve nisso um abuso infame. Não somos dessa opinião, pois sem as imaginarias batalhas de 1870, o *film* de 1914 não valeria os 500 réis da entrada de 2ª classe.

*

Do olvido a que se condemnára, exsurgio com um bello poema, o distincto poeta Plinio Borgeco.

A pompa da phrase e a correcção do metro, a variedade dos matizes e a nobreza da emoção caracterisam os lindos versos que constituem o harmonico poema denominado *Victoriosa!*

*

Accevedo Diaz, o grande escriptor que representa politica e intellectualmente a gloriosa republica uruguaya na capital brasileira, dominado pelo desejo de tornar conhecidas do seu paiz as nossas obras em que transparece o fundo commum dos povos sul-americanos, acaba de traduzir para o hespanhol a *Tapera*, de Alcides Maya.

No livro do escriptor sul-rio-grandense os uruguayos reconhecerão o genio de irmãos que se exprimem em outra lingua.

*

Entre os livros que apparecerão no correr deste anno, conta-se um de Bastos Tigre — *Bolhas de sabão*.

A GUERRA

O principe de Galles no abarracamento dos inglezes, na Belgica.

OS NOSSOS "CAUSEURS"

E' muito conhecida aquella anedocta do sujeito que indo a uma reunião, depois de muito instado, dando-lhe a dona da casa como par para uma quadrilha que elle alinhavou como poude uma das suas filhas, e havendo-se sentado ao lado da moça, por mais que parafuzasse, não achou outra pergunta para fazer-lhe senão esta :

— O senhor seu pae gosta de queijo ?

A moça apezar de estranhar a interrogação, respondeu :

— Gosta.

Depois de uns dous minutos de silencio volveu elle :

— E a senhora sua mãe gosta de queixo ?

— Gosta.

Mais dois minutos :

— E a senhora, gosta de queijo ?

— Gosto. E o senhor tambem gosta de queijo ?

— Gosto.

E a conversa ficou por ahi.

Isso de iniciar uma palestra é cousa bem difficil. A senhora de um deputado nortista sendo apresentada em uma reunião á esposa de um dos grandes chefes politicos do P. R. C. esta perguntou-lhe :

— A senhora tem filhos?

— Tenho dous.

Uns vinte minutos depois, a mesma senhora querendo agradar a visita tornou a perguntar-lhe :

— A senhora quantos filhos tem ?

Ao que, espiritualmente, retrucou a interpellada :

— Depois que lhe affirmei, ha meia hora, ter dous, ainda não tive mais nem um.

O OPTIMISMO

Os brasileiros são caracterisados por excellencia como um povo optimista. Varios são os casos que attestam esta propriedade aliás proveitosa.

Quando n'uma familia acontece a felicidade de um pobre diabo estar a estalar de dores de dentes, é quasi sempre motivo para dar graças a Deus. O chefe é o primeiro a dizer : tu és um felizardo. Se fosse dor de dente e de cabeça ao mesmo tempo...

Já ha algum tempo que um dos meus melhores visinhos, um pobre velho, ao saltar de um bond, falseou um dos pés e cahiu redondamente no solo quebrando uma das pernas. Durante o tratamento houve uma complicação que quasi o victimou.

Mezes depois me dizia um outro visinho :

Que homem feliz o F., ja consegue com alguma difficuldade andar de muletas.

No «Preto no Branco» apparece um homem que se diz feliz, por sua mulher o enganar com o chefe, e se alguem o lastima, elle não tarda em dizer : Se fosse com o continuo seria muito peior.

Se por alguma desgraça acontece "elle" passar na frente da casa de uma familia pacata e as pessôas ficam muito afflictas e começam a orar, o chefe para acalmar diz meio satisfeito : Nós somos muito felizes ; imaginem aquelle que são seus visinhos...

Já é optimismo !

NAZILUS SILDI

UM DITO SALVADOR

A' cabeceira de uma moça tão estimada por suas bellas qualidades como por sua belleza, e que um tumor interno puzera ás portas da morte, encontrava-se reunida toda a familia.

A mãe, desolada, em lagrimas, ajoelhada ao lado do leito, com uma das mãos da enferma entre as suas, clamava:

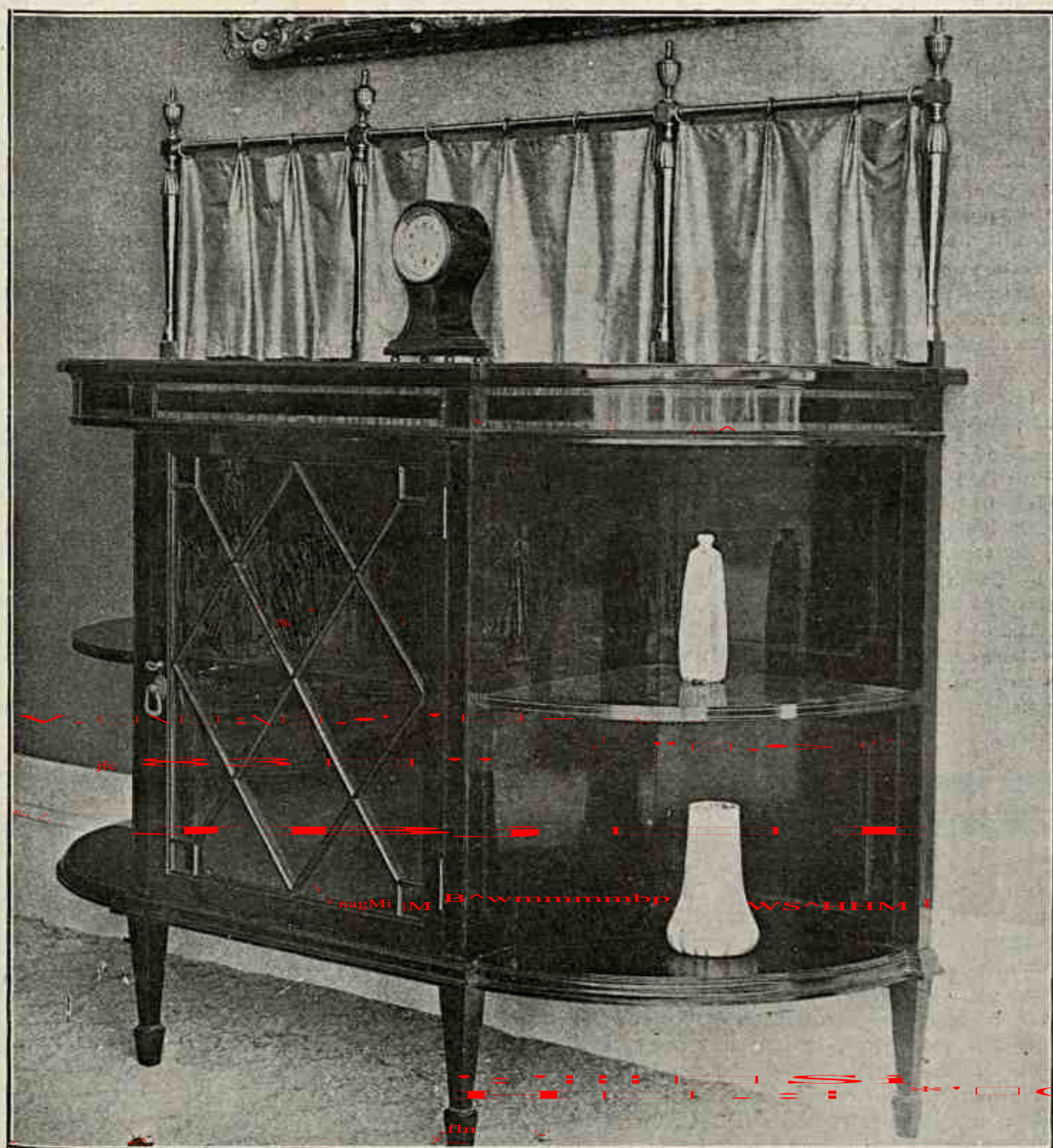
— Meu Deus! Meu Deus! Salva a minha filha e podes levar todos os outros.

A essas palavras um rapaz, casado com uma irmã da moribunda, não teve mão em si e approximando-se da sogra, perguntou-lhe:

— Mas, mamãezinha, os genros tambem?

A essa pergunta inesperada foi impossivel conter a hilaridade. A propria enferma teve uma tal convulsão de riso que o tumor rebentou por si e ella salvou-se.

Um soldado vangloriava-se diante de Julio Cesar das cutiladas que tinha recebido na cara. Julio Cesar, que o conhecia por um cobarde, disse-lhe:

— Para a proxima vez que fugires, toma cuidado quando olhares para tráz.

Um cavallo de tres pernas

Santo Eloy, que era bispo de Noyson e exercia com grande competencia o util officio de ferrador, substituio, em muitos lugares, na edade medieva, o ferrador druidico.

Confiando orgulhosamente na sua capacidade de calçador de ferros nos quadrupedes, o grande homem adoptou esta impertinente divisa: *«Éloi, maître sur maître, maître sur Dieu.»*

Um dia, foi-lhe apresentado, como candidato a quatro ferraduras, um cavallo fogoso e arisco. Eloy não se atreveu a fincar pregos em taes patas, e pedio ao proprietario do cavallo um curto prazo, necessario ao apaziguamento do enraivecido irmão dos pégasos sem azas.

Um rapazito, que estava presente, declarou:

— Quero ensinar ao mestre universal uma maneira facil de ferrar qualquer cavallo, por fogoso que seja.

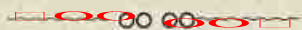
Disse-o e, tirando uma faca do bolso, cortou a perna do cavallo, ferrou a pata e collocou-a de novo no animal, que supportou tudo sem dar o minimo signal de dor.

Santo Eloy quiz logo applicar noutro animal, o mesmo processo. Mas, desde que elle cortou a perna, jorrou o sangue e o cavallo caio por terra, dando provas inequivocas de soffrimento.

O santo ferrador, atrapalhado, corria de um lado para outro, sem saber se devia ferrar a pata que tinha na mão ou soccorrer a victima cavallar, que se estorcia no sólo.

Então, surgindo mysteriosamente, o rapazito recollocou a perna no cavallo e desappareceu mysteriosamente.

O ferrador santificado, considerando que tinha soffrido uma peça que lhe pregára um anjo, quebrou a sua divisa, consagrando-se inteiramente ao serviço de Deus.

Por causa dessa perna inhabilmente cortada, nos quadros antigos Santo Eloy apparece montado num cavallo de trez patas.

Um agoureiro consultou a Catão que significava ter achado os seus calções roidos das doninhas?

Respondeu-lhe:

— Até ahi não ha muito que advinhar: quando as doninhas forem roidas dos calções, então me consultareis.

A primavera

IDYLIO DE CORINTHIA

(Gabriella Preïssova)

O professor da escola publica de Gorejov lançou distrahidamente seus olhos scismadores para a janella que o vento acabava de abalar violentamente e posto que se achasse em um salão bem abrigado, pareceu-lhe que um frio mortal lhe penetrava até a alma.

Aguardando a problematica chegada de um alumno da montanha, acabara de ler uma novella italiana cuja leitura iniciara na vespera, novella colorida, cheia de luz, cheia de flores e foi sob a impressão vivida dessas regiões ensoladas que percorrera outr'ora em viagem de estudos que acordou bruscamente para a realidade.

Pela primeira vez perguntou a si proprio porque motivo o destino o escolhera para atiral-o a esse cantinho perdido do Universo.

Entretanto, sentira-se sempre dotado de uma alma ardente, avida de impressões variadas, com surtos amplos, dilatados, aspirações elevadas; quando estudava tivera mesmo suas ambições; pensava com alegria no tempo em que sua aspiração era obter um cargo de professor como se esse emprego encerrasse toda a bondade divina; e eis que a sorte o atirara nesse estreito valle da Carinthia, cheio da sombra das florestas, coalhado de negros rochedos e fontes marulhantes; ali alem do burgo de Forejov, que formavam umas sete casas, só havia algumas herdades dispersas pelos cimos das montanhas silenciosas a que se ia por caminhos frequentados somente pelas raposas.

Lembrava-se, com saudades que mais e mais pungiam do primeiro olhar de curiosidade que lançára sobre o mundo, na cidade em que depois de terminar os seus estudos, após brilhantes exames, sentira os encantos da independencia.

Deante dos seus olhos semi-cerrados deslisavam agora as ruas cheias de animação, os passeios pejados de transeuntes; ouvia o rumor das vozes alacres; sorrisos, olhares trocados; via as portas illuminadas dos estabelecimentos commerciaes, as cabeças loiras das raparigas apparecendo nas janellas, as salas de concerto e de espectaculo, os cafés com as mesas cheias de jornaes e revistas, as palestras animadas com os amigos... Como agora tudo isso parecia distante!... Naquelle logarejo perdido, em seus passeios solitarios, elle via somente outeiros escalvados, estradas cobertas de neve ou de lama, pinturas barbaras nas capellas da visinhança, em que as imagens de S. Christovam ou de S. Floriano appareciam com pollegares tão desmesurados como os indices; e nas casas dos moradores da região só miseria, desordem, desconforto; ouvira muitas vezes falar na belleza das canções da Carinthia mas não conseguira ainda ouvir nem uma. Teriam ellas fugido da terra com a sua chegada como as andorinhas no outono? E que trabalho fatigante o da sua escola com uma classe unica!... Na sala nova de estudos, installada desde o verão, vinte e cinco creanças de cinco a quatorze annos e meio haviam se inscripto. Fora em vão que reclamara contra a idade já muito adeantada de algumas; acabara por acceitar quantas lhe appareciam com o desejo de que o numero de alumnos crescesse sempre.

Alguns alumnos que tinham frequentado já a escola de Ladoves, distante d'ali duas horas, sabiam ler, escrever e contar mais ou menos. Os outros, os principiantes, a todo o momento escondiam-se sob os bancos, por travessura.

Com elles conseguira formar tres classes, cada um dotado de seu plano de ensino.

Desanimava ás vezes de sua triplice funcção por isso que na maioria os alumnos ficavam o dia inteiro na escola; nas horas consagradas ao descanso seus gritos, seus brincos vinham perturbal-o; entretanto sua consciencia formada pelo seu ideal de estudante era tão altiva que lhe dava o consolo de se ver como que um pequeno monarcha em meio dos subditos. E aquelle dia nem um viera!...

Olhou para o relogio ainda... Nove horas... A escola devia ter começado já. Ordinariamente os alumnos e sobretudo as alumnas chegavam momentos antes da hora regulamentar. Mas com aquelle tempo horrivel, nem um de certo ousaria se aventurar fóra de casa, expondo-se ao terrivel temporal de neve. O professor deu alguns passos para a janella, limpou os vidros embaciados e começou a olhar para os turbilhões de flocos brancos atravez dos quaes não se enxergava a um metro de distancia. Murmurou resignadamente: «Maldito tempo!» Fez tilintar na algibeira do collete algumas moedas e assoviando de vagarinho começou a passeiar pela sala.

Procurava uma occupação para o seu dia.

Se elle tivesse algum livro novo a ler ou se ao menos pudesse ir visitar o vigario cujo presbyterio estava a uma hora de distancia!... Mas quem ousaria sahir com semelhante tempo. Nem os proprios cães...

Parou bruscamente no meio dessas reflexões.

No vestibulo, a porta acabava de bater com ruido; certamente alguma mãozinha inexperta não pudera contel-a contra a violencia do vento.

Em seguida ouviu o barulho dos passos apressados de alguem, o rumor do fecho da porta, na abertura, com um profundo suspiro de allivio que a precedeu appareceu o talhe elegante de uma moça com uma saia carmesim e jaqueta negra, a cabeça coberta com uma manta e sobre esta um chapeu de feltro negro redondo e chato, tão cheio de neve que mais parecia um prato.

Antes della pronunciar a saudação habitual «Louvado seja o nome de Christo! Bom dia senhor professor!» com segundo suspiro ainda mais pronunciado que deixava adivinhar as difficuldades encontradas nos caminhos da montanha o mestre reconheceu nella a mais idosa de suas alumnas, Fruda Pogaènikova, que morava bem longe. Um pouco reconfortado com essa chegada inesperada, esqueceu-se elle por momentos de que ella por muitas vezes o fazia zangar com a sua

desobediencia e o seu aplomb, dizendo-lhe com um sorriso amigavel :

— O caminho da escola impõe hoje um grande sacrificio ; não me admirarei se for você a unica pessoa a vir.

Fruda collocou sobre o primeiro banco a sua pasta de livros e agitando os braços como que para desentorpecel-os com o movimento, respondeu com desembaraço :

— Meus paes não queriam que eu viesse ; fugi sem que elles vissem. Mas devo confessar, querido mestre, não queria que passasse pelo que passei para aqui chegar.

O suspiro com que terminou essas palavras e o tratamento do «querido mestre» embaraçaram o moço professor ; entretanto, o aspecto do chapéo coberto de e do manto molhado da rapariga fel-o esquecer tudo. O vento tinha-lhe dado ao rosto uma coloração vivissima, os olhos tinham um brilho humido e dos seus bandós de cor escura algumas mechas transviadas tinham gottas d'agua e mesmo floccos de neve não fundida ainda que tremeluziam. Os olhos foram até as botinas molhadas da moça e elle sentiu-se tomado de viva inquietação.

— Pagaënikova você pode se resfriar ; é preciso mudar de calçado ; já que não ha mais ninguem posso bem lhe emprestar minhas sandalias para dar tempo a que suas botinas sequem á lareira.

— Ah ! Muito obrigado ! disse Fruda sacudindo o chapéo e o manto na caixa de lenha. São bonitas as sandalias ? perguntou por um sentimento de *coquetterie* feminina.

— Hein ? O que ? Se são bonitas ? Isso não tem importancia, comtanto que mude as botinas molhadas, replicou o professor dirigindo-se para o quarto.

Ahi ella encontrou sua velha caseira, Barbara, que arrumava a sua mesa.

— Ponha mais algumas achas no fogão da sala, disse ella, e leve minhas sandalias bordadas para que a alumna Pagaënikova as calce emquanto suas botinas secção.

E desejando deixar a moça só para mudar o calçado começou a pensar no que devia leccionar aquelle dia. O melhor seria fazer uma recordação de geographia e historia que parecia serem seus estudos predilectos.

Quando voltou á sala Fruda ja se installára no primeiro banco. Tendo contra o costume seus cbaellos penteados, apresentava então um ar delicado, espiritual. Pela primeira vez o professor pensou que quando ella fosse mais crescida, de certo ficaria uma linda rapariga.

Um nada surprezo com semelhante pensamento, olhou de novo para o relogio, si bem que soubesse que elle marcava dez horas e um quarto, e começou com a voz mais secca que achou para a occasião :

— A hora já está muito adeantada. Podemos hoje, por excepção, recordar um pouco a geographia, depois fará uma composição.

— E á tarde se não vier ninguen, o que faremos ? perguntou Fruda fixando no professor seus olhos de passarinho curioso.

— Depois veremos. Talvez á tarde cesse o temporal e alguns alumnos possam vir, respondeu elle tranquilamente, acariciando um caderno que tinha sobre a meza.

— Imagine que na minha precipitação de sahir sem que meus paes vissem esqueci-me até de trazer a minha merenda Mas isso pouco importa, accrescentou ella ; supportarei bem o jejum.

— Posso dar-lhe alguma cousa do meu almoço.

— Ora eu não faço muito caso da comida, disse Fruda apoiando, encostando a cabeça á palma da mão esquerda e olhando o professor disfarçadamente ; muitas vezes tenho distribuido pelas collegas o que trago de casa ; mesmo nos banquetes lá em casa quando todos se deliciam eu nem mesmo sei o que como.

— Sim, mas é preciso que coma alguma cousa decidiu seccamente o mestre, olhando sempre para o caderno como se com essas palavras esperasse terminar a conversa.

— Se é da sua vontade... Mas depois é preciso que vá a nossa casa para lhe retribuirmos esse almoço, não é verdade ?

Disse essas palavras em voz meiga, sorrindo ao passo que fazia girar em torno do dedo um minusculo annel de prata ; lançou um olhar amigo ao professor, perturbado com essa loquacidade insolita, interminavel.

— Se os seus paes lhe prohibiram não devia hoje ter sahido de casa para cousa nenhuma, disse severamente, como para desviar o assumpto.

— E o senhor não diz sempre que não se deve faltar á escola ?

— Sim, mas acho-a já demasiadamente grande para frequentar esta escola, respondeu o professor, affectando uma frieza absoluta ; deveria no minimo frequentar uma escola primaria superior ; para a escola communal já está muito crescida.

O tom estranho a que não estava Fruda habituada, com que elle proferiu essas palavras, intimidou Fruda. Por intuição feminina adivinhou que só poderia desarmar o mestre com uma phrase lisonjeira e depois de um curto silencio replicou com a voz mais suave que poude :

— Mas... se eu gosto tanto de vir á escola em que o professor lecciona !

Calculára com habilidade. O professor enrubeceu até a raiz dos seus louros cabellos, e não sabendo o que responder começou nervosamente a morder a ponta do lapis.

Elle sentara-se ao estrado como o faria um camarada de Fruda, tanto a distancia entre os dous parecia haver desapparecido. Não fora em vão que no domingo anterior, no casamento de uma prima, a moça servindo de dama de honra pensava a suspirar, ouvindo a muisa, que preferira antes ver o seu louro mestre de gorejow do que os rapazes então presentes, a dansar. Tinha quasi dezesseis annos e filha unica de paes abastados, possuidora de 200 hectares de terra do lado do sol e de uma herdade nova de um andar, não poderia ter então suas fantasias ?

O professor preparava-se para fazer-lhe uma pergunta e no espirito atormentado de Fruda uma questão se levantava : iria o professor visitar na montanha, a casa dos seus paes ?

— Bem, Pokaenikova, diga quaes são as principaes cidades da Austria — começou elle, o rosto serio, o olhar fixo sobre o mappa mural.

Ella sorriu-se. Depois com uma audacia dissimulada :

— Mas nós ainda não rezamos a nossa oração.

O professor enrubeceu de novo (ah ! como Fruda gostava de encaral-o quando elle não se assemelhava a um professor cheio de gravidade !) e passando os dedos pelos annellados cabellos respondeu com evangelica pasciencia.

— Pensei que estando nós dous sosinhos, a oração em voz alta podesse embaraçal-a. Mas já que deseja, rezemos...

Levantou-se e em voz clara, recitou o *Parter* ; Fruda acompanhava-so em murmurio, satisfeita.

Depois o professor sentou-se e renovou a pergunta.

— Quaes são as cidades principaes da Austria?

— Vienna, Belovec... Belovec... e Fruda começou a recitar como que em sonho; de repente inclinou-se para sandalias, os olhos nellas fixos, accrescentou rapidamente:

— Desejaria bem saber quem foi que bordou essas sandalias. Eu tambem sei bordar e talvez fizesse outro bordado mais bonito do que este, com rosas em festões. Não acredita?

— Deixemos as sandalias. Foi uma de minhas irmãs que dellas me fez presente.

E procurando tornar mais severa a voz:

— Responda ás perguntas que estou fazendo. Ainda uma vez, accrescentou martellando as syllabas, como para fazer gravar bem a pergunta, quaes são as principaes cidades da Austria?

— Faz já muito tempo que aprendi isso na escola de Ladores, disse Fruda semi-serrando os olhos e sorrindo de tal forma que a paciencia do professor pareceu exgotar. A colera pareceu empolgal-o.

— Pensa que estou aqui, gritou levantando-se, para se divertir commigo?

E as juntas dos dedos bateram sobre a mesa com uma rudeza de que Fruda julgaria incapazes aquellas mãos tão brancas e delicadas.

— Já que affirmou seu prazer em vir sempre á escola, devia saber que a escola é um logar serio; já é grande bastante para comprehendel-o.

Fruda interrompeu-o com voz tremula:

— Não se zangue, peço-lhe; se me esqueci foi involuntariamente e acredite não foi de nada; foi de alegria interna...

— Que alegria pode ter quem não sabe responder a uma pergunta tão simples? volveu elle ainda zangado.

— E entretanto foi bem grande a minha alegria... Ri-me sem o pensar... Suas palavras me fizeram ficar tão contente... quando me affirmaram que as sandalias não foram presentes de uma outra moça...

Apenas Fruda, como impellida pela consciencia pronunciou essas palavras, escondeu o rosto entre as mãos. Não comprehendia agora como se atrevera a contar a causa de seu riso. Deveria antes ter mentido!...

O professor desceu do estrado, atravessou precipitadamente a sala entre as duas fileiras de bancos até a janella, tirou do bolso a sua carteira de notas, abriu-a e fechou-a outra vez, olhou atravez dos vidros os turbilhões de neve que cahiam mais e mais, tirou o relogio e só então recobrou a calma necessaria para articular nitidamente a observação seguinte:

— Pogaenikora, você vae fazer uma composição. Tem uma hora para concentrar a sua attenção e arredar seu espirito de outros assumptos que não se refiram aos estudos. Vou escrever na pedra o assumpto.

E sem olhar para a moça que conservava a cabeça curvada sobre o peito, foi até o quadro negro e com o giz, escreveu: *Descrever o campo, na primavera, visto da propria casa.*

Depois retirou-se apressadamente, e mandou a sua velha creada renovar as achas do fogão.

Sosinha, Fruda, ficou immovel um instante; só levantou a cabeça quando Barbara sempre grave e taciturna veio fazer o seu serviço. Tirou da pasta um caderno e uma caneta preparada e sentou-se á mesa. Depois quando a crida foi-se embora, dirigiu-se para o quadro negro andando nas pontas dos pés e releu tres vezes a phrase passando ternamente o indicador sobre as letras.

— Elle sabe escrever lindamente, murmurou. Depois voltou para seu lugar e alizou o papel. No seu intimo uma voz se fazia ouvir cheia de recriminações: «Elle foi-se embora, foi-se embora... E zangado!...»

Como se fora uma culpada deixou que os olhos errassem pela escola silenciosa, timidos e contristados. Se ella ao menos pudesse dizer-lhe uma serie de coisas lindas na sua composição!... Emocionada com esse pensamento, começou a rascunhar sobre um pedaço de papel o seu trabalho. Era preciso dissipar as duvidas do professor sobre o seu adeantamento e para acalmar o coração palpitante corrigiu aqui, riscou a colá, emendou tudo emfim. Depois com a sua melhor letra copiou por fim, no caderno:

«A primavera apparece em nossa casa mais cedo que aqui, no valle. Das janellas nos a vemos chegar, lentamente quando ella vem das terras italianas, pelo S. José. Os pombos e os pardaes são os primeiros que a reconhecem. Desde a aurora ousam elles arriscar-se fóra dos ninhos, e chegam ao alto dos telhados para olhar ao longe. Como ficam satisfeitos então! Eu propria não tardo em reconhecel-a atravez a gase de nevoa que o sol faz levantar ao nascer, nos botões roseos das arvores que nascem sob minha janella. Nossas abelhas pressentem tambem esse delicioso momento. Emfim, quando os brotos novos, os ramos carregados de seiva, as flores polychromicas, as anemonas perfumadas, as moitas que a cerejeira brava pintalga de amarello vivo dão a certeza da chegada da primavera, vinde, vinde á nossa casa e vereis então se ha no mundo um logar mais encantador.

Aqui evoca-se a lembrança de tudo quanto se pode admirar em outros logares já vistos.

Montanhas brancas e montanhas verdes, e entre ellas esse alto monte cujos reflexos são pratas cobertas sempre de neve mesmo durante os mais intensos calores; uma cascata formada por sete fontes nascentes na encosta que vem se reunir e murmurar juntas sem se desviar jamais do seu curso para prejudicar os campos, innundar as planicies; as casas dos camponezes vistas ali do alto parecem brinquedos esparsos sobre o solo. Vinde, vinde á nossa casa quando chegar a primavera!

Pode-se escolher ahi as flores e os passarinhos preferidos; eu os encontrarei e mostrarei, todos. Por mim eu prefiro as cotovias e as toutinegras; gosto tambem do melro quando canta; mas quando elle vôa pelas estradas amedronta-me tanto como as corujas, as pegas e os corvos. Os esquilos enchem os campos de aveleiras e os cucos fazem ouvir seus gritos por toda parte. Vinde, vinde á nossa! As borboletas de cores mais vivas matisam nossos jardins; algumas, brancas como o lyrio, semelhantes a flores que sahissem voando; e os insectos são tantos, tão brilhantes as suas cores que parecem gemmas preciosas.

Vinde, vinde ver a nossa casa na primavera. Seja quando o céo estiver claro, recamado de nuvens brilhantes, esteja embora sombrio, em vossa honra accenderemos fogueiras que illuminarão ao longe o vosso caminho e cantaremos para vós a nossa mais bella canção; então ficareis convencidos de que não foi em vão que vos convidamos para conhecer o mais bello recanto do mundo.

FRUDA POGOENIKOVA.

de Pritalowa, n. 2»

E ella escreveu de novo com a sua calligraphia mais apurada:

«Vinde, vinde á nossa casa, na primavera!...»

Levantou-se, foi com o caderno até a janella. Pareceu-lhe que a sala da escola ficava mais sombria então. E com o prazer de ter levado a termo o seu trabalho, começou o seu coração a bater de novo, cheio de anciedade. Se a composição não estivesse boa !... Parecia-lhe tão confusa !... Ah ! porque escrevera aquellas cousas com destino ao seu professor de cabellos louros que nem mesmo respondera ao convite que lhe fizera para ir á sua casa ! E quando voltasse á sala, de certo viria com o rosto sereno para de novo dizer-lhe que não devia mais voltar á sua escola !...

Como ella imaginara de modo diverso a sua recepção, quando no caminho deserto, dentro da tempestade de neve ella corria para a escola ! Quão diversa fora do que ella esperava ! De certo o mestre, um sorriso nos labios dir-lhe-ia :

— Você fez bem em vir. E' corajosa e decidida !

E a sua mão, tão branca e fina passar-lhe-ia pelos cabellos, como elle frequentemente fazia com os pequenos.

Esses pensamentos causaram-lhe uma dor tão viva que a cabeça contra o peitoril da janella e como olhasse para fora, para a neve seus olhos velaram-se e involuntariamente duas lagrymas silenciosas deslisaram-lhe pelas faces.

Nem mesmo percebeu a entrada do professor com o passo firme, o olhar sereno, approximando-se do logar em que ella estava. Ao vel-a assim porem não poude perseverar em sua resolução de severidade para com a audaciosa alumna e foi com a voz ligeiramente commovida que perguntou :

— Mas que tem ? Porque chora ?

— Nada, soluçou a donzella, convulsivamente ; foi só a idéa de lhe haver desagradado, quando eu tudo faria para que ficasse satisfeito !...

— Acalme-se, não faça isso, disse o professor com voz mais suavisada já. E involuntariamente aconteceu o que Fruda tinha sonhado... a bonita mão, tão branca passou delicadamente sobre os seus cabellos, carinhosamente.

Tomou-lhe da mão o caderno e começou a ler a composição. Quando chegou ás palavras : «Eu propria não tardo em reconhecel-a atravez a gaze de nevoa que o sol faz levantar ao nascer, nos botões roseos das arvores...» desviou os olhos do papel e fitou-os cariciosos na cabeça da moça, inclinada para o peito, parecendo-lhe que as curvas sobriamente desenhadas dos sedosos supercilios, as longas franjas das pestanas e os purpurinos botões dos labios inquietos eram tambem uma escripta suave, doce a decifrar.

E quando acabou de ler até o fim, fixou os olhares na janella como uma hora antes, depois de terminar a leitura da novella italiana ; agora porem seus olhares não estavam mais carregados de melancolia. Pareceu-lhe que a tormenta de Fevereiro cessára, o tempo clareara, raios luminosos, perfumes, canções penetrava-lhe o intimo como se a triumphante primavera agitasse alli, bem proximo, as suas azas...

Voltou a realidade com os olhares da moça que nelle se fitavam, já enxutos, cheios de esperança...

— E' verdade que a primavera é tão bonita assim neste recanto do mundo ? perguntou elle com a voz perturbada. Eu não a vi ainda...

Fruda repetiu docemente como o unico verso de sua canção :

— Vinde, vinde á nossa casa, ver a primavera.

— E' bem possivel que eu vá, murmurou a voz cada vez mais cheia de suavidade do mestre.

E elevando a voz :

— Mas Fruda, é preciso que você responda a uma pergunta minha. Eu sou o professor, você a discipula. Obedecer-me-á você ou desejará que eu lhe obedeça ?

Fruda não respondeu logo. Seus olhos cheios de uma legitima altivez fixaram-se angustiosamente agora nos quadros pendurados ás paredes como se lhes pedisse conselhos agora, nesse momento tão solemne de sua vida. Por fim respondeu em voz firme.

— E' claro que sou eu quem deve obedecer-lhe.

— Não é isso... não e por dever... quero que me diga se obedecerá por gosto.

Ella sorriu, encantada com a suavidade da voz que lhe fazia taes perguntas, voz semelhante a que ella sempre ouvia quando na solidão da montanha passeiava scismadora. E respondeu quasi devotamente :

— De certo... e como poderia ser de outra maneira ? Com a maior boa vontade...

— Acredito que não seja das que promettem em vão, articulou distinctamente o professor, depois de um silencio prolongado.

Fruda abanou a cabeça, alisou os cabellos e dando ao seu olhar uma gravidade superior á sua idade, perguntou :

— Em que banco devo sentar-me ?

— Hoje em nenhum. Hoje não estudaremos mais visto não ter vindo mais nenhum alumno. Mas Fruda, sabe o que eu penso, como seu melhor amigo ? Para você, aqui, no meio das creanças, já não ha mais logar. Se quizer, estudará em casa mesmo, nos livros que eu escolherei e emprestar-lhe-ei, sim ?

Fruda inclinou profundamente a cabeça e automaticamente começou a arrumar os seus livros na pasta. As mãos tremiam-lhe mas do seu rosto não desapparecia o ar de doçura e de paz, como se continuasse a ouvir o suave som da voz do mestre.

Esta se elevou de novo :

— Gostaria, em lembrança do dia de hoje, e como recordação sua, de guardar o seu caderno até o dia em que irei á montanha, á sua casa, para certificar-me por mim mesmo se é uma realidade essa primavera que a sua alma comprehende de tão deliciosa maneira.

Fruda acenou somente com a cabeça e deixando o caderno sobre a mesa foi precipitadamente até o cabide tomou o chapéo, o manto e a capa.

O professor deu alguns passos até o estrado, um pouco pallido elle tambem, boliu distrahidamente nos papeis, duvidoso se causara á discipula algum pezar com tão estranha despedida.

Fruda, prompta para sahir, chegou á porta, girou o fecho e quando ella se entreabriu, voltou-se para elle. O rosto estava illuminado por um sorriso de confiança vivo, firme, feliz...

E o mestre pensativo e cuidadoso, sorriu a esta separação sem palavras e sem desdidas, como se a porta da escola ao fechar-se sobre Fruda guardasse ainda um echo da linda canção sem rimas da sua discipula das montanhas.

— Até a primavera !

* * *

Gabriella Preissova nasceu em Kuko Hora (Bohemia) em 1862. Em 1880 estreou com uma serie de novellas que lhe deram logo a celebridade, bordando sempre assumptos campezinos.

E' conhecida em Praga como a "George Sand da Bohemia". Escreveu "Immortal", "Ao por do sol", "A Felicidade", varios dramas seus foram representados no Theatro Nacional de Praga. E' uma das mais ardentes propugnadoras da renovação da literatura tcheque.

ADOLESCENCIA

Sempre alegre

e feliz...

pelo uso constante

da

GUARANESIA

DEPOSITARIOS:

Campos Heitor & C.

— 35 —

URUGUAYANA

As nossas más linguas

Um literato de nome em nossa terra, publicara uma obra que conquistára um retumbante successo.

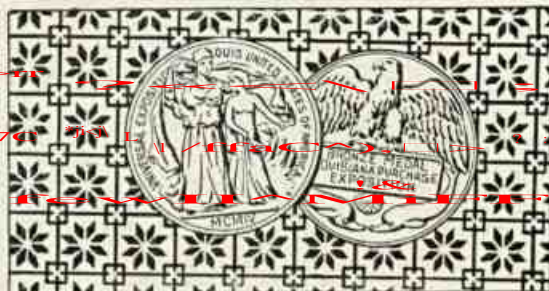
Um collega, celebre pelo seu espirito perverso e pelo seu costume de denegrir sempre o trabalho alheio, encontrando-o, deu-lhe o apertado abraço:

— Meus parabens muito sinceros. Que irão dizer de ti agora os invejosos?

— Era justamente o que eu ia te perguntar.

Em todos os estados = Em todo o interior

RUA SETE DE SETEMBRO, 70 — RIO DE JANEIRO

MOLESTIAS DE SENHORAS?

Esta preparação CURA radicalmente todas as molestias do UTERO, como sejam HEMORRHAGIAS, FLORES BRANCAS, FLUXO CERVICAL e outras molestias congeneres, acalma as dôres e colicas da MATRIZ e regularisa a menstruação, seja ou não abundante o fluxo.

Pelas propriedades tonicas e fortificantes que possue convém a todas as senhoras que soffrem de ANEMIA e CHLOROSE

APPROVADA PELA DIRECTORIA GERAL DA SAUDE PUBLICA DO BRAZIL

LABORATORIO DA SAUDE DA MULHER

DAUDT & LAGUNILLA

Rua do Riachuelo, n. 430, RIO DE JANEIRO

(Antiga casa DAUDT & FREITAS, de Porto Alegre)

Inventores dos preparados:

A SAUDE DA MULHER,
BROMIL, BORO-BORACICA E
DEPURATIVO LYRA

O PIANO AUTOMATICO "REX"

dá a perfeita illusão do eximio

ARTISTA

EM VOSSA casa, apenas por **24$000**

SEMANAES

VÓS TEREIS TODOS OS MAESTROS E A

MUSICA DE TODO O MUNDO

CLUBS CASA STANDARD